

| TEXTOS

Alessandra Figueiró Thornton
Alex Custódio
Ana Paula Rocha
Benedito Felipe Rauen Filho
Breno Brasil Cuervo
Carmine Ungrad de Avila
Cassiano Rodka
Claudete Morsch Pereira Soares
Elisa Ribeiro
Fabiana Pagel da Silva
Fernanda Caleffi Barbeta
Fernando Magalhães Rodrigues
Flávia Lopes da Silveira
Genacéia da Silva Alberton
Gládis Piccini
Ícaro Carvalho de Bem Osório
Iraci José Marin
José Nedel
Leila Torelly Fraga
Lúcia Lovato Nogueira Leiria
Luciene Pimentel Betat
Manoelina Castro
Marcela Pereira
Marta Leiria Leal Pacheco
Miguel Antonio Juchem
Mílana Nunes
Nelson dos Santos Blaya
Nelson Newlands Carneiro
Newton Fabrício
Ney Bittencourt Pereira
Noely Luiz Orsato
Regina Fabrício
Renan Apolônio
Rosana Broglio Garbin
Sabrina Lindemann
Sabrina Nunes Dalbelo
Sandra Godinho Gonçalves
Wilson Carlos Rodycz
Zeli Scheibel

| APOIO



*A gente acredita que juntos
fazemos a diferença.*

*O cooperativismo nasceu no século XIX a partir
de um ideal: unir as pessoas por um objetivo em
comum - gerar crescimento. Aqui no Sicredi, essa
é a nossa realidade há quase 120 anos.*


*Porque quando todos trabalham juntos, é
possível realizar os sonhos de cada um através
do esforço de todos.*

*E é isso que faz o cooperativismo moderno até
hoje.*

Gente Que Coopera Cresce

**Entre em contato
com a gente:**

(51) 3017 6888
coopajuris@gmail.com

 (51) 980 406 206

 **Sicredi**
sicredi.com.br



CADERNO DE LITERATURA 30ª EDIÇÃO

CADERNO
DE LITERATURA

30ª
EDIÇÃO

 **AJURIS**

A PALAVRA
CERTA
A PALAVRA
LEVE
A PALAVRA
ARTE

| DIREÇÃO • 2020 | 2021

Presidente

Orlando Faccini Neto

Vice-Presidente Administrativo

Cláudio Luis Martinewski

Vice-Presidente

de Patrimônio e Finanças

Mauro Peil Martins

Vice-Presidente Cultural

Marcia Kern

Vice-Presidente Social

Káren Rick Danilevicz Bertoncello

Vice-Presidente de Aposentados

Benedito Felipe Rauen Filho

Organizado por

Jorge Adelar Finatto, Marcia Kern,
Madgéli Frantz Machado
e Rosana Broglio Garbin

Produção

Emily Melo Borges
Relações-públicas (REG-3952)
Josué Borges Brito
Relações-públicas

Revisora

Simone Ceré | Jornalista
(MTB/RS n.º 7813) e Tradutora

Projeto Gráfico e Diagramação

Rodrigo Cambará | Designer
rodrigocambara.com

Impressão

Gráfica Palotti



CADERNO DE LITERATURA

30
a
EDIÇÃO

 AJURIS

- **Organizado por**
Jorge Adelar Finatto,
Marcia Kern, Madgéli
Frantz Machado e
Rosana Broglio Garbin

© dos autores

Todos os direitos reservados para AJURIS

Capa, Projeto Gráfico e Diagramação: Rodrigo Cambará

Produção: Depto. Cultural da AJURIS |

Emily Melo Borges Relações-públicas (REG-3952)

e Josué Borges Brito Relações-públicas

Revisão: Simone Ceré | Jornalista

(MTB/RS n.º 7813) e tradutora

Impressão: Gráfica Palotti

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Caderno de Literatura / organização Jorge Adelar

Finatto ... [et al.]. -- 30 ed. -- Porto Alegre :

AJURIS, 2021.

Outros organizadores: Marcia Kern, Madgéli Frantz

Machado, Rosana Broglio Garbin

Vários autores.

ISBN 978-65-992702-1-5

1. Contos - Coletâneas - Literatura brasileira

2. Crônicas - Coletâneas - Literatura brasileira

3. Poesia - Coletâneas - Literatura brasileira

I. Finatto, Jorge Adelar. II. Kern, Marcia.

III. Machado, Madgéli Frantz. IV. Garbin,

Rosana Broglio

21-87714

CDD-B869.8

Índices para catálogo sistemático:

1. Coletâneas : Literatura brasileira B869.8

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

CADERNO DE LITERATURA

30
a
EDIÇÃO

AJURIS

PREFÁCIO





PREFÁCIO

Esse é uma das mais especiais edições do Caderno de Literatura da AJURIS por ter sido gestada em um tempo de muita apreensão e medo vividos pela humanidade: o tempo da pandemia.

Se o surgimento da vacina foi importante para procurarmos reestabelecer um presente semelhante aos dias anteriores ao surgimento do mal, tão importante foi a imposição das palavras para nos ajudar a superar esses dias de tristezas e perdas. Dias que exigiram obediência a expressões como “isolamento social”, “medidas sanitárias”, “consciência coletiva”, e tantas outras.

Mas a principal palavra que alimentamos com carinho nesses dias

difíceis, que esteve presente em todos os momentos e que nos fez passar por tudo isso foi “esperança”.

Esperança foi a palavra certa para enfrentar um momento errado para a humanidade.

Esperança foi a palavra leve quando a tragédia da Covid-19 se mostrou um fardo pesado a ser carregado por milhares de famílias.

Esperança foi um sopro de arte em vidas que buscaram inspiração a cada nascer do sol para dar fim a tão sombria noite.

Esperança, nove letras que formam uma grande palavra e inspiram os autores das páginas a seguir.

Boa leitura a todos.

ORLANDO FACCI NETO
PRESIDENTE DA AJURIS

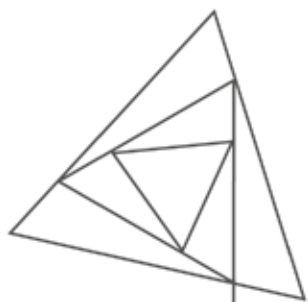




SUMÁRIO

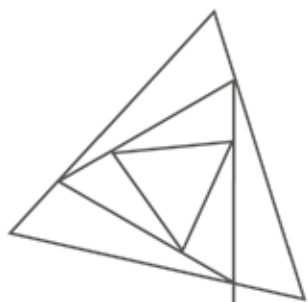
- | | | |
|-----|---|----|
| I | À HEPATHYA
ALESSANDRA FIGUEIRÓ
THORNTON | 17 |
| II | OUVIR (SENTIR)
O CORAÇÃO
ALEX CUSTÓDIO | 21 |
| III | CONTO
ANA PAULA ROCHA | 27 |
| IV | O INCÊNDIO DO
PALÁCIO DA JUSTIÇA
BENEDITO FELIPE RAUEN FILHO | 31 |





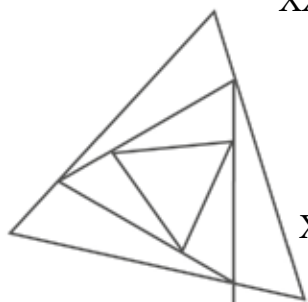
V	DIÁLOGO INTERNO BRENO BRASIL CUERVO	37	XI	TERÍAMOS SIDO FELIZES FERNANDA CALEFFI BARBETTA	63
VI	A FUGA CARMINE UNGRAD DE AVILA	43	XII	VERDADES... FERNANDO MAGALHÃES RODRIGUES	67
VII	SONETO DO AMOR MATERNO CASSIANO RODKA	47	XIII	AME O INIMIGO FLÁVIA LOPES DA SILVEIRA	71
VIII	INFINITAS ESTRELAS CLAUDETE MORSCH PEREIRA SOARES	51	XIV	A MULHER E AS FOTOS GENACÉIA DA SILVA ALBERTON	75
IX	REGRESSO ELISA RIBEIRO	55	XV	AINDA DÁ PARA SE RELACIONAR NA ERA DO AMOR LÍQUIDO? GLADIS PICCINI	79
X	POEMINHAS FABIANA PAGEL DA SILVA	59			





XVI	AS BADALADAS ÍCARO CARVALHO DE BEM OSÓRIO	85	XXII	O SER E OS SERES MANOELINHA SANTOS DE SOUZA CASTRO	109
XVII	NOITE DE PERCIVAL IRACI JOSÉ MARIN	89	XXIII	OLHOS NOS OLHOS MARCELA PEREIRA DA SILVA	127
XVIII	ONÇA BEBE ÁGUA JOSÉ NEDEL	93	XXIV	A MÃO MARTA LEIRIA LEAL PACHECO	131
XIX	A ERA DIGITAL E A TARTARUGA LEILA TORELLY FRAGA	97	XXV	CARTINHA P'RA NETINHA LUIZINHA MIGUEL ANTONIO JUCHEM	135
XX	SEGREDOS LÚCIA LOVATO NOGUEIRA LEIRIA	101	XXVI	MEMÓRIAS MILENA NUNES	139
XXI	O MEL A MEL LUCIENE PIMENTEL BETAT	105	XXVII	O QUE NÃO TE CONTARAM SOBRE AS MULHERES NELSON DOS SANTOS BLAYA	143





XXVIII A REVOLTA
DAS ESTÁTUAS **153**
NELSON NEWLANDS
CARNEIRO

XXIX ANOS DE LEGACIA **159**
NEWTON FABRÍCIO

XXX PAZ **167**
NEY BITTENCOURT
PEREIRA

XXXI PEDRA
FUNDAMENTAL **171**
NOELY LUIZ ORSATO

XXXII O CÁLICE
VERMELHO **177**
REGINA MARIA
MEDEIROS FABRÍCIO

XXXIII A SABEDORIA
DO CORONÉ **181**
RENAN APOLÔNIO

XXXIV CARTA
PARA TERESA **185**
ROSANA BROGLIO GARBIN

XXXV FACUNDO – ONDE
HOVER AMOR **191**
SABRINA LINDEMANN

XXXVI O CAUSO
DA LAGARTEADA **195**
SABRINA NUNES DALBELO

XXXVII TRÊS QUARTOS **199**
SANDRA GODINHO

XXXVIII O RABO
DO BUGRE **205**
WILSON CARLOS RODYCZ

XXXIX A ALEGRIA
SE ESCONDEU **209**
NA SOLIDÃO
DA ALMA
ZELI SCHEIBEL





À HEPATHYA

ALESSANDRA FIGUEIRÓ THORNTON

licenciada em Letras e Pedagogia (professora de Inglês, Português e Literatura), especialista em Psicopedagogia, mestra em Educação e estudante de Direito, vê na poesia seu grande encontro com a vida, com a arte e com as palavras. O poema a seguir é uma homenagem a uma figura histórica, Hepathya, uma matemática que viveu na era antiga, na Alexandria.

7♥ 17



À HEPATHYA

Estudos perfeitos em tempos difíceis,
Ideias ilógicas por medos e dogmas,
Santos malucos e Deuses incríveis,
Filósofos poucos, batalhas e normas.

Geométricas formas de eras passadas,
Arquivos secretos de bibliotecas perdidas,
Escritos guardados de Alexandrinas amadas,
Teorias ousadas de figuras caídas.

Sábias palavras de mulheres pensantes,
Conselhos partidos de almas simétricas,
Circulares elipses de teses errantes,
Teorias caladas por crenças herméticas.

Hepáticas múmias, as Helenas elípticas,
Mutiladas maneiras de mentes robóticas
Cristãs, judias, pagãs... vadias acrílicas,
Frágeis objetos às futuras neuróticas.

Amores, amigos, ministros e Orestes,
Homens ouvintes e alunos sonhantes
Ferinos escravos e cuidados sem vestes
Feitos heróis, de Hepathya – os amantes!

ALESSANDRA
FIGUEIRÓ THORNTON





OUVIR
(SENTIR)
O CORAÇÃO

ALEX CUSTÓDIO
Juiz de Direito

7 21



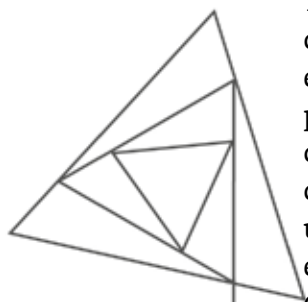
OUVIR (SENTIR) O CORAÇÃO

Uma das coisas que eu mais gosto de fazer é colocar o ouvido no peito do meu João Pedro e ouvir o coração dele bater. Forte, vigoroso, cheio de vitalidade. Ficamos nós dois ali, deitados, antes de dormir ou no acordar. Eu ouço o dele e ele o meu. O dele bate duas vezes mais do que o meu. E eu me emociono duas vezes mais ao senti-lo. Ouvir e sentir são sinônimos quando se escuta o coração de um filho ou do pai. Mas ouvir (sentir) o coração de um filho se dá de várias formas. A primeira delas é ouvi-lo pulsante dentro do peito.

ALEX CUSTÓDIO

Uma outra é ouvi-lo quando bate aquele saudade, quando o seu batimento chama nosso pensamento. Mais uma quando ele quer nos dizer alguma coisa e não diz, quando o coração diz para nós o que ele não quer dizer ou não consegue dizer. Outra ainda quando retrata a alegria de nos ver novamente, quando bate mais forte vindo em nossa direção e pula em nossos braços. Tem mais uma que é quando nosso filho nos dá aquele abraço, forte, apertando o nosso pescoço como se fosse o último. Tem o ouvir do presente, do doce, da Coca-Cola (quando quase não se come) do passeio, do jogo de bola, do pegar na direção do carro (e ter certeza de que já sabe dirigir sozinho), o ouvir do acordar, do dormir, do sonhar, do pesadelo que nos acorda de madrugada, aquele de ver um bichinho, um boi, um cavalo, uma galinha, o de entrar na piscina, o do churrasco, de ver o vô ou a vó, os tios, os dindos, os amigos e as amigas do coração. Cada momento tem um “ouvir o coração” diferente. E nós sabemos como é cada um deles.





Tem um ouvir o coração que não se gosta de sentir, quando o coração fica apertado e fica difícil de ouvir o seu bater em nosso peito, rasgando o peito em pedaços, que dirá no pequeno coração dele, quando da despedida, quando do momento de cada um ir para sua casa. Eu para minha e ele para dele.

Creio que nenhum pai gosta de ouvir esse último bater.

Mas aí acontece um bater reconfortante, de esperança, que me faz suspirar e ter a certeza do amor que tenho pelo João Pedro, e com certeza todo pai tem pelo filho, de sempre saber que ele é nosso e sempre estará dentro do meu coração, que nos dá vida, amor, carinho e, com a desculpa da repetição, esperança e convicção de que o João Pedro e todos os filhos de pais separados, ou não, também batem seus coraçõezinhos por nós.

Há mais um ainda, ouvir o coração bater de satisfação, satisfação de saber que fazemos tudo e mais um pouco para que nossos corações batam forte, juntos e harmoniosos durante o tempo que passamos juntos, para que quando estejamos longe um do outro, o coração possa nos dizer que estamos esperando

ansiosos passar o tempo e que chegue logo a próxima visita.

Tudo isso faz o coração revigorar-se. Não podemos ouvir o coração com mágoa, com tristeza. Ele é a fonte de nosso viver, é o motor de nossa vida. Com ele vamos aonde quisermos. É ele que retrata nossos sentimentos, porque é o único que com o seu TUM-TUM-TUM expressa o que sentimos.

Vamos ouvir nosso coração. Ele nos diz coisas que não sabemos dizer com palavras.

Que o meu, o do João Pedro, o de meu pai, minha mãe, o de todos os pais, separados ou não, e seus filhos possam bater ainda por muito tempo e nos emocionar a cada batida e falar conosco e retratar o que nossa alma diz.



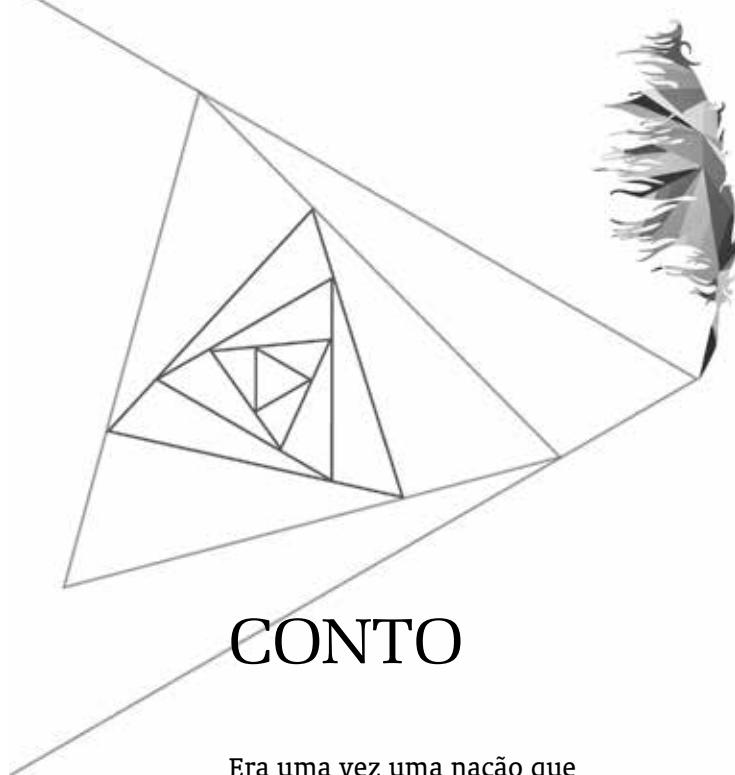


CONTO

ANA PAULA ROCHA

natural de Porto Alegre,
descendente direta de africano
e europeia, amante deste país
e da cultura gaúcha. Mãe da
Malu e do Dado, contadora e
atualmente Gerente Financeira
na Associação dos Juizes do
Rio Grande do Sul (Ajuris).

27



CONTO

Era uma vez uma nação que acreditava que a existência estava onde deveria estar e que a vida era como tinha de ser. Até que uma pandemia atravancou a liberdade e o poder, confundiu, desnor-teou, doeu. Mas abriu suas mentes mesmo em meio ao sofrimento e medo do conhecido e do desconhecido. E em meio ao caos brotaram novas mentes, mentes humanas e solidárias, como não mais se via... Há tempos.

7 29





O INCÊNDIO DO PALÁCIO DA JUSTIÇA

7 31

**BENEDITO FELIPE
RAUEN FILHO**

Magistrado aposentado
Vice-presidente de
aposentados da Ajuris



O INCÊNDIO DO PALÁCIO DA JUSTIÇA

O recente ataque de hackers ao sistema informatizado do Poder Judiciário trouxe à lembrança um fato ocorrido em 19 de novembro de 1949, quando, guardadas as peculiaridades de cada época, aconteceu caos parecido com o que foi enfrentado pelo sistema judiciário estadual.

No amanhecer daquele dia, por volta das cinco horas, taxistas com ponto na Praça da Matriz observaram que o prédio do Palácio da Justiça, construído ainda na época do Império e que abrigava o Tribunal de Justiça, a Secretaria do Interior e Justiça,

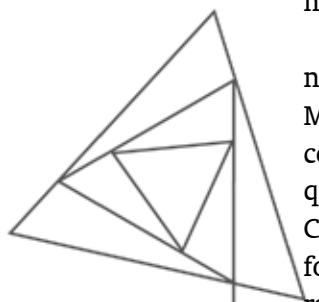
cartórios e varas e repartições policiais, estava se incendiando. Os bombeiros foram chamados, mas o fogo em poucos minutos tomou conta da edificação e não houve como controlar, tornando a perda irremediável.

No mesmo dia o governador Walter Jobim determinou a abertura de crédito extraordinário de Cr\$ 10 milhões para a reconstrução do prédio, hoje instalado com o mesmo nome de Palácio da Justiça, mas com exclusiva ocupação pelo Poder Judiciário.

Milhares de processos e documentos se perderam irremediavelmente, além de uma das melhores bibliotecas jurídicas do país, a qual continha até decisões judiciais lavradas em Latim. Chamou a atenção o fato de que o local, embora a sua importância vital, não tinha nenhum serviço de vigilância na ocasião.

A suspeita desde logo foi de que se tratava de incêndio criminoso, visando destruir processos. Investigações foram iniciadas e a Polícia Técnica concluiu que o fogo se iniciou pela sala do cafezinho, onde um “bico de gás” teria ficado ligado à





noite, mas nada conclusivo.

Em 21 de abril de 1950, os jornais noticiaram que o conhecido estelionatário Manoel Frederico Gonzales de Aragon, conhecido como “Major Aragon” (alcunha que obteve por ter fugido da cadeia em Curitiba usando a farda de um oficial das forças públicas), teria confessado o crime, relatando que procurara um processo referente a golpe praticado contra bancos locais por Miguel Svirski, a quem pretendia chantagear, e, não encontrando os autos, decidira por incendiar o prédio. A confissão tinha como falha o fato de que o Aragon na mesma data estava recolhido ao presídio de São Leopoldo, mas ele alegou ter fugido à noite para cometer o incêndio, retornando em seguida à prisão. O jornalista Celito de Grandi narrou que estranhamente o “Major” estava hospedado na casa de veraneio do governador quando revelou os fatos que se atribuiu. Mais tarde “Aragon”, conhecido fanfarrão e mitômano, se retratou da confissão e na ausência de provas o episódio nunca foi elucidado. Em 1952, Aragon foi assassinado por outro preso no pátio da Casa de Correção, nunca tendo sido

apurada a real motivação do crime, o que aumentou o mistério e as teorias conspiratórias a respeito do incêndio.

Factoides apareceram, um deles dando conta de que o objetivo era destruir os autos de um rumoroso caso de desquite entre casal da alta sociedade local, e outro narrava que um servidor, quando as chamas findavam, ao encontrar ainda íntegro um processo de extrema complexidade, teria jogado os autos no fogo. Falou-se também que na véspera um funcionário teria encontrado resquícios de massa de vidraceiro na fechadura da porta principal.

Enfim, um episódio nebuloso que trouxe prejuízos quase totalmente irrecuperáveis para o Judiciário e a Secretaria do Interior e Justiça e Polícia Civil.





DIÁLOGO INTERNO

BRENO BRASIL CUERVO

Juiz de Direito Aposentado,
escrevinhador, ativista quântico

7 37



DIÁLOGO INTERNO

- No fundo – e no raso – o que as pessoas querem é ser amadas e valorizadas. Disso decorre todo o drama e toda a tragédia humana. Mas se elas soubessem que tudo o que buscam afanosamente fora está à disposição dentro, em extensão e profundidade ... Nisso consiste toda a ironia e todo o paradoxo da condição humana.

- Não sei se entendi ... Do que exatamente você está falando?

- Estou falando do Amor!

- De amor?

- Não! Do Amor. A força mais poderosa do Universo!

- Você fala no sentido metafórico...
- Longe disso! O Amor é o que mantém as órbitas planetárias.

- Não seria a gravidade?

- A gravidade não passa de uma das manifestações físicas do Amor ... Como o eletromagnetismo e as demais forças da Natureza ... É o Amor também que, atuando como uma espécie de antigravidade, mantém acelerada a extraordinária – e recém descoberta – expansão do Universo.

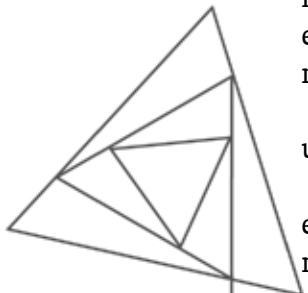
- A ciência diz que é a energia escura ... Tá, é verdade. A ciência não sabe o que é a energia escura ... Ou sabe dela somente por esse surpreendente efeito de aceleração.

- Exato. Daí a adjetivação de “escura” ... a atestar a ignorância sobre a sua natureza – o que, a rigor, como vimos, ocorre também em relação à gravidade.

- Mas a energia luminosa do Amor não tem nada de escura, certo?

- Bingo!!! O Amor é anterior ao tempo e ao espaço. Portanto, anterior ao próprio Big Bang. Aliás, o Big Bang, cuja natureza também é desconhecida da ciência, foi uma explosão ... ou





melhor, uma expansão súbita de Amor e Criatividade (o que é quase uma redundância).

- Mas bah!!! Vai explicar isso a um cientista ortodoxo ...

- É melhor não ... melhor explicar sobre a natureza holográfica e multidimensional do Universo, pois aí está a solução para todos os enigmas e paradoxos da ciência materialista.

- Hum ... Acho que li algo a respeito. Greg Braden, por exemplo, diz que somos parte de um sistema muito maior de muitas realidades, dentro de realidades, dentro de outras realidades, inclusive, paralelamente, a realidade do universo cognitivo, ou perceptivo, de cada um, pois o Campo de Energia Universal, que ele chama de Matriz Divina, funciona como um espelho de nossas crenças e sentimentos.

- Perfeito. Realidades de múltiplos níveis, individuais e coletivas, aninhadas em outras realidades progressivamente mais expandidas e refinadas, mais ou menos como aquela conhecida boneca russa, Matrioska, mas com a totalidade do Amor presente em todo o sistema de

matéria e antimatéria, desde o átomo até a galáxia e, portanto, em cada respiração que você respira.

- Claro! Daí a afirmação do início sobre ter à disposição dentro o Amor que buscamos afanosamente fora de nós! Também não era uma metáfora! Tem a ver com autoconhecimento e expansão da consciência!

- Continuando assim, você vai seguir com Gaia para a próxima realidade.

- Não sei se entendi ... Do que exatamente você está falando?

- Do próximo estágio de evolução da espécie humana, a respeito da qual tudo isso começou.





A FUGA

CARMINE UNGRAD DE AVILA

Servidora Pública do Tribunal
de Justiça, lotada no Fórum
de Novo Hamburgo

 43



A FUGA

Tentou fugir de tudo,
do caos, do medo, do escuro
Nenhuma porta encontrou aberta
Percebeu por entre as frestas
Que a da felicidade estava emperrada
Com tantas mágoas acumuladas
Bateu então na porta da gratidão
Mas para a sua surpresa
A chave estava perdida, em algum
canto esquecida
Por falta de reconhecimento
Tentando fugir da própria desgraça
Em vão buscou a do perdão
Pois sem conseguir abrir
Já que não sabia dar nem pedir
Saiu a passo pela escada
Em uma busca desenfreada

CARMINE UNGRAD DE AVILA

Ao encontro da verdade
Olho no olho, cara a cara
A sua entrada foi barrada
Porque as mentiras já contadas
Tornaram a porta enferrujada
Todas as suas máscaras foram
arrancadas
Vendo-se num beco sem saída
Lembrou-se da porta do amor
Correndo atravessou o corredor
O silêncio como resposta
A três batidas repetidas
Fez sangrar suas feridas
Antes enterradas em seus jazigos
Agora, descobertas, buscam abrigo
Rápido, correm perigo!
É preciso achar outro esconderijo
Empurra com força a porta da fé
A esperança para mantê-la em pé
Percebe que é a única que a leva a
qualquer lugar
Onde é possível imaginar?
Olha para dentro de si
Fecha os olhos, pede a Ti
Não há mais como fugir
Dai-me a Sua mão, o Seu sim
Permita que eu seja flor em Seu jardim.

19/7/2019

45





SONETO DO AMOR MATERNO

47

CASSIANO RODKA

Formado em Jornalismo e Produção Fonográfica, Cassiano Rodka é um dos criadores do coletivo cultural PáginaDois. É autor do livro Partituras, lançado em 2014 pela editora Buqui, e coautor da Antologia Mitos Modernos, vencedora do Prêmio Le Blanc em 2018. Conheça mais do trabalho do escritor no site cassianorodka.com.br



SONETO DO AMOR MATERNO

À Beatriz, minha mãe

Desperta ao som da minha manha
Disfarçando o peso do seu empenho
Desfaz o deserto por onde eu venho
Desenhando passos por entre as montanhas

Abençoa minha vida enquanto me banha
Asseando meus pés para um futuro ferrenho
Alimenta minha fome por leitura e desenho
Abrindo caminho para as minhas façanhas

Faz do carinho uma ação
Fabrica o suporte onde me encosto
Forja um ser em será

Traduz criança em criação
Traz forma a cada gesto que gosto
Transforma a manha em amanhã

 49





INFINITAS ESTRELAS

7♥ 51

**CLAUDETE MORSCH
PEREIRA SOARES**

Advogada, pós-graduada em Direito Processual, psicóloga e escritora. Autora dos livros de poesia *Fazendo Amor com o Universo em Versos* e *Anzóis do Tempo*. Tem participação em várias coletâneas e antologias poéticas, mais recentemente na coletânea internacional *Ludwig van Beethoven – Sonata Poética da Liberdade*.



INFINITAS ESTRELAS

A magnitude dos teus traços ao vento
desnuda o meu existir indiscretamente.
Levito nas tuas distâncias,
no tempo mudo que te liberta
em fulgurantes suspiros.

Passeio pelos teus segredos
em passos alados,
sob infinitas estrelas.
Quero contemplar os tons poéticos
que transbordam da tua alma em dança.

Invadir os recônditos em chama
das tuas esperanças.
Trançar alianças com os desejos

CLAUDETE MORSCH
PEREIRA SOARES

que te alumiam inteiro
e mapear nossos indecifráveis destinos.

Deixar o outono desfolhar-te solenemente,
para que percebas a sombra desse amor
que transcende o infinito.

Enlear-me em ti de tal jeito
que nada seria mais perfeito
nem sedutor que esse
enigmático instante.

E, se o tempo o consumasse,
seria para mim o fragmento mais
precioso da eternidade.





REGRESSO

ELISA RIBEIRO

nasceu no Rio de Janeiro e vive atualmente em Lisboa. É poeta, contista e dramaturga. Publicou os livros *A segunda natureza*, coletânea de contos, em 2020, e *O condomínio do divã*, textos dramáticos, em 2021, ambos pela editora Verlidelas. É colaboradora do blog *As Contistas*.

7 55



REGRESSO

Do mar chegam-me sopros
retalhos de poemas, versos soltos
farta luz que não registro
perdida em azuis
ausentes em tempos outros.

Do mar chegam-me ventos
devassam meu quarto
rasgam meu sono em sonhos
feitos de fragmentos
misturados de outros tempos.

ELISA RIBEIRO

Do mar chega-me a calma das marinas
desmentida pela altivez dos mastros
e o acre do sal nas narinas
intervalo entre aventuras
miragem como as sereias.

Do mar chegam-me ecos
e o instante possível
barcos de papel, areias e castelos
espuma branca sobre o verde.

Caderno de Literatura | 2021

IX





POEMINHAS

FABIANA PAGEL DA SILVA

Juíza na Vara do Juizado
de Violência Doméstica

70 59



POEMINHAS

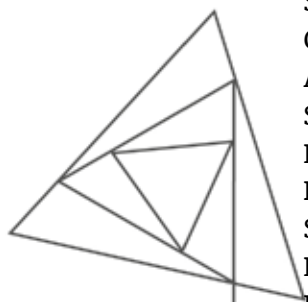
Sorria
Era só a empatia
E
S
C
O
R
R
E
N
D
O pela pia
De onde nem havia.

FABIANA PAGEL
DA SILVA

Um dia
Ou outro dia
Perdoa-me
A memória falha-me
Cruza-me
Certo senhor em seu pijama
Pura flama
Falava
Filosofava
Gesticulava
Quase declamava
Sobre política discursava
Algo sobre pindorama
Talvez um novo drama
Eu de cá tudo ouvia
Pouco entendia
Quase ou nada aprazia
Encafifada
Quiçá encantada
Quisera espantada
A mim
Apenas saber cabia
Se da cama vinha
Ou para lá rumaria.

👍 61





Sabe tudo que você não diz
Que fica aí escondido
Acima do seu nariz
Sabe o carinho que você não fez
Porque o orgulho segurou o gesto
E o desfez
Sabe tudo que você desistiu
Porque o medo o impediu
E a coragem se esvaiu
Sabe
Sei.

E o que me marca
E tu não vês
E o que te marca
E não queres crer
Na ausência da marca
Que te cega
Teu próprio ser
E nos veste
E nos despe
E nos faz negar
E até zombar
E ainda assim
Ser
Querer
E esquecer
Sem sequer
Saber.

FABIANA PAGEL
DA SILVA



TERÍAMOS SIDO FELIZES

7 63

FERNANDA CALEFFI BARBETTA
nascida em São Paulo, é jornalista
e escritora de prosa e poesia

XI



TERÍAMOS SIDO FELIZES

Hoje penso que você teria me feito feliz. Um chope após a aula, um cineminha no final de semana. Eu provavelmente escolheria um filme que você já tivesse visto. E você não falaria nada para não me constranger. Pediríamos um pacote de pipoca médio e uma Coca-Cola. Marcaríamos uma pizza para o sábado seguinte. E, depois, muitos outros encontros. Discutiríamos em alguns, nos amariamos em outros. Você conheceria meus pais. Eles gostariam de você, principalmente minha irmãzinha. Viajaríamos para Buenos Aires. Você me pediria em

FERNANDA CALEFFI
BARBETTA

casamento. Eu aceitaria. Teríamos um filho. Você torceria para ser menino. Eu, para ser menina. Então, chegaria a Isabela. Tão bela que você se esqueceria de ter um dia preferido um menino.

Teríamos sido tão felizes se tivéssemos nos conhecido.

Mas você não me chamou para aquele chope após a aula. Pode ser que nem beba. Ou esteja em tratamento por ter bebido demais. Talvez nunca tenha visto o filme que eu escolheria. Jamais tenha dividido um pacote de pipoca médio e uma Coca-Cola. Nem sei se gosta de pizza ou se frequenta pizzarias aos finais de semana. Não imagino em quantos encontros discuti, em quantos outros amou. Deve ter conhecido outras famílias, ter sido adorado por outras irmãzinhas. Certamente já estive em Buenos Aires. Ou preferiu ir a Paris. Deve ter pedido alguém em casamento. Provavelmente ela aceitou. Decerto já nasceu a sua Isabela. A menina que você deve ter preferido desde o início.

Tomara que você tenha feito alguém feliz.





VERDADES...

FERNANDO MAGALHÃES RODRIGUES

é Policial Militar, graduado em Gestão Pública (2010), bacharel em Direito (2019), especialista em Gestão e Docência no Ensino Superior (2020) e acadêmico de Licenciatura em Filosofia.

 67



VERDADES...

Digo que o amor não é mentira não!
Com ardor, sem horror; pronto para tudo.
Trazendo o presente, na palma da mão.
Falo, abandono o caminho, mudo.

Com temor, sorrindo; sigo na contramão.
Muita saudade e tristeza, contudo,
pensando bastante, reflito. Reluto,
medito, maldita! bendita solidão!

De tanto procurar, já estou cansado.
Mesmo se não te achar, não desistirei:
de Porto Alegre até Cachoeira!

Encontrar, no futuro ou no passado,
a cura, porque a paixão, eu lhe direi:
é como a Nuvem do Hermes Aquino!

FERNANDO
MAGALHÃES
RODRIGUES

XII



AME O INIMIGO

FLÁVIA LOPES DA SILVEIRA

Possui Graduação em Design:
projeto de produto pelo Centro
Universitário Franciscano – Unifra,
Especialização em Design: produto
gráfico e informação pelo Centro
Universitário Ritter dos Reis –
UniRitter, Mestrado e Doutorado em
Design pela Universidade Federal
do Rio Grande do Sul – UFRGS.

71



AME O INIMIGO

Ame o inimigo. Amar quem nos ama é fácil. Difícil mesmo é amar o inimigo. Quem nunca um dia foi alvo de uma brasa. Inimigo é aquele que atira a brasa. Certa feita me pegou em cheio. Bem no peito. Do lado esquerdo. Acho que a mira era mesmo o coração. Me feriu bastante. Até hoje ainda (re)lembro. No entanto, dei-me conta de que quando decidimos atirar uma brasa em alguém, também estamos certos de que nos machucaremos. Para jogar uma brasa necessariamente é preciso pegá-la em nossas mãos. E pela força com que me acertou, hoje penso que suas mãos devem

ter ficado mais feridas que meu peito. Mais do que ferir o outro, jogar uma brasa é a certeza de machucarmo-nos. Então o dia chegou. O dia em que eu tive que decidir entre odiar ou amar o inimigo. Não quis machucar-me. E também não quis feri-lo. Decidi entregar-lhe flores. Foram as flores mais difíceis que entreguei em minha vida. Não eram flores para quem eu amava. Não eram flores para quem de fato me respeitava. Eram flores ao inimigo. No caminho ainda pensei em retornar. Desistir. Fraquejar. Afinal de contas, que diabos eu estava fazendo? Mas deveria haver algum aprendizado ali. Eu precisava superar-me como ser humano. E acho que consegui. Entreguei as flores e depois segui o meu caminho – confesso que ainda sem entender o que eu havia feito. Mas bastaram apenas alguns instantes e tudo fez sentido. Dei-me conta de que minhas mãos estavam perfumadas das flores que havia entregado. E isso me fez pensar que não somos aquilo que nos fazem. Somos aquilo que fazemos para os outros. Sangram as mãos de quem atira brasa. Detêm o perfume daquelas que entregam flores. Eu não sou aquilo que fazem para mim. Eu sou aquilo que reflito.

FLÁVIA LOPES
DA SILVEIRA





A MULHER E AS FOTOS

75

GENACÉIA DA SILVA ALBERTON

Desembargadora aposentada,
doutora em Direito e mestra
em Mediação



A MULHER E AS FOTOS

O silêncio na cinzenta sala de um consultório é quebrado pelo falar alto de dois animados rapazes. Um deles, de sorriso largo, pergunta ao outro: “Como está sua mãe?”. A resposta vem de forma imediata e sem rodeios: “Daquele jeito. Passa os dias olhando fotos.”

A conversa continua entusiasmada sobre diferentes assuntos, mas aquela mulher fica suspensa no tempo, simplesmente olhando fotos. A mente se afasta, procurando dar uma identidade para a mulher sem nome, cor ou idade.

Para o filho, parece ser apenas uma mania ou demência. Talvez ela esteja

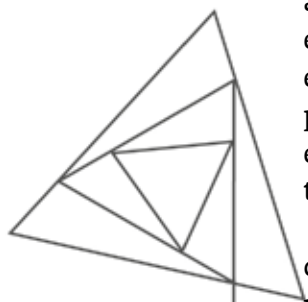
sentada em uma velha poltrona de veludo ou na beira de uma cama de solteiro, pois não tem com quem, assim como não tem o que compartilhar. Talvez se trate de fotos preto e branco, desbotadas, resultado das antigas máquinas fotográficas, revelando momentos, pessoas ou lugares que trazem a nostalgia do passar do tempo ou uma alegria que merece ser revivida.

O presente, o que lhe oferece? Atualmente, todos têm um celular capaz de clicar fatos e pessoas, instantaneamente, sem filtro ou seleção de importância, somente com a precisão do agora.

O rapaz que vê a mãe olhando o caminho percorrido, não vê o que lhe falta e não percebe o grito silencioso do pedido de atenção, deixando-a fechada na sua caixa de lembranças. Mas, fora, a vida continua. Mesmo em tempo de pandemia, quando máscaras cobrem os rostos, os olhos continuam abertos. Crianças nascem, uma enormidade aterrorizante de pessoas pelo mundo morre, mas a vida flui no seu fluir implacável.

Depois do inédito encontro com esses dois rapazes, pelo impacto causado,





algo mudou. É preciso “sacar” fotos. A essência, como se ouve frequentemente, está no simples e no trivial. Por isso, é preciso fotografar o ingênuo e belo que encontremos no presente. Mas, ao mesmo tempo, é necessário seguir, mover-se.

Talvez aquela mulher desconhecida tenha encontrado no ontem um sentido para o hoje. Com isso, dará vários cliques, fazendo surgir mais fotos que estarão a serviço do futuro. Que muitas sejam as pessoas que as possam admirar, quiçá chorar, mas também sorrir.

GENACÉIA DA SILVA
ALBERTON



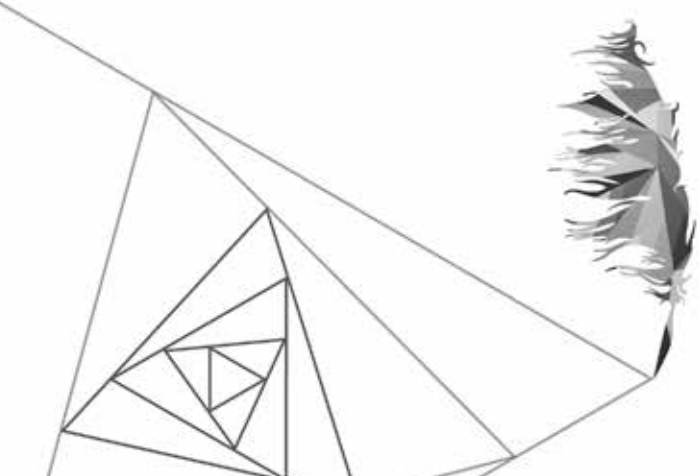
AINDA DÁ PARA SE RELACIONAR NA ERA DO AMOR LÍQUIDO?

79

GLADIS PICCINI

Juíza aposentada, que se envereda pelos caminhos da escrita e da culinária, por puro prazer.

XV



AINDA DÁ PARA SE RELACIONAR NA ERA DO AMOR LÍQUIDO?

Negócio complicado esse de relacionamento, né? Afinal, a gente precisa de outra pessoa para fazer um casal, o que significa ser dois. Dois gostos, duas escolhas, dois jeitos, duas personalidades e, via de regra, uma casa, uma cama, umas férias, e meio caminho para a felicidade quando o banheiro da casa é filho gêmeo.

Pois é, logo ali, atrás de um casal existem duas pessoas. Pessoas diferentes. Porém, é mais complicado que isso,

porque é preciso semelhanças entre os diferentes, ou seja, algumas coisas precisam se compatibilizar, mas não vá pensando que é qualquer coisa, como ambos gostarem de chuchu, embora seja algo raro. Não!!!! Falo daquilo sem o qual a vida fica difícil para um, quando o outro é radicalmente o contrário.

Quer ver? O fissurado por exercício físico e comida saudável não conseguirá conviver com o fissurado por comida (qualquer que seja, a hora que seja, de preferência um bom fast-food). É só um gosto por comida? Não é não, é um modo de vida.

Alguém deve estar pensando: “Ah, isso não acontece”.

Acontece, sim, porque nós somos pródigos em esconder gostos, jeitos e preferências quando estamos apaixonados. Melhor dizendo, nosso cérebro, que perde completamente a razão quando apaixonado. Depois, na retomada gradual da sanidade, as incompatibilidades nos encontram na esquina.

Olha, não pensem que isso é um manifesto antiamor. Não é.





Dizem que a gente ama apesar de, e não porque.

Então, se eu durmo cedo e acordo cedo enquanto o outro vaga durante a madrugada e sequer pisca antes do meio-dia, o que fazer? Se esforcem aí!!

Um aguenta até a meia-noite acordado. O outro dá um jeito de dormir à uma hora da madrugada, e acordem para caminhar às dez horas. Hora razoável, não compartilhada pelos galos, ou pelo sol escaldante do meio-dia.

E quem gosta de som alto o dia inteiro, como faz com o outro que não suporta o barulho do gelo sendo mexido na gaveta da geladeira?

Aumenta um pouco, diminui um pouco. Dá para conciliar, desde que se goste do mesmo tipo de música. Nem vou fazer comparações para evitar preconceito.

É preciso gostar de música, viu?

E se gostar de cinema, teatro, ópera, dança, que importa o resto?

Ahhhh, mas a vida exige outras coisas. Sim, exige. Quem é mais apto faz. O outro colabora com a presença e

com a disponibilidade. Algo como:

– Estou aqui, viu?

Sempre será preciso companheirismo, participação e aceitação. Ela quer fazer um cochilo no sofá, e não na cama. E daí? Ele quer dormir com a camiseta que não é pijama, well, compre camisetas mais seguidamente.

Se a pessoa for bom caráter, não perverso, porque esse não tem jeito, e aceitar essas esquisitices todas tuas (mas dá a ela o direito de discordar), ela te ama.

Então, conclusão, um ama de um jeito e o outro de outro. Um diz a todo momento eu te amo, o outro cuida, ajuda, organiza.

Amar é... Muitas coisas, nem sempre aquilo que eu acho que é.

Indispensável é amor-próprio.



AS BADALADAS

ÍCARO CARVALHO DE BEM OSÓRIO

2.º Vice-Presidente do TJRS

Membro nato do Conselho

Deliberativo da Ajuris

 85



AS BADALADAS

O relógio ornamenta há décadas as paredes da família, apenas alternando os ambientes, inclusive em moradias distintas, conforme as necessidades e as conveniências. Sempre me perguntei as origens de tal instrumento de tempo, com respostas advindas dos mais antigos da família de que pertenceu ao “vô Osório”, como era conhecido meu avô paterno, Theodoro Rodrigues Osório.

Esses assuntos familiares têm em mim um efeito místico. Ficar observando o tal relógio nas diversas casas por que passou me transportava ao início do século passado, quando, para mim, tudo havia começado, na longínqua Bagé, berço da minha linhagem paterna, onde Theodoro, comerciante

ÍCARO CARVALHO
DE BEM OSÓRIO

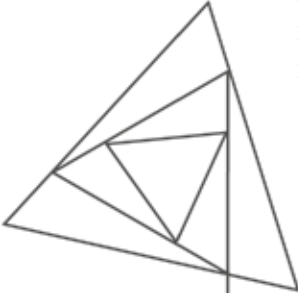
de profissão, foi um dos fundadores e presidente do Guarany Futebol Clube. Eu queria me igualar àqueles personagens dos filmes que voltam ao passado e acabam encontrando e vendo in loco seus entes queridos, alguns ainda crianças.

Imaginar seus pais infantis e seus avós jovens adultos é um exercício de paciência e criatividade, já que nos falta elementos para dimensionar a realidade da época, em especial a cultural. Impossível saber o que se passava em suas mentes, que ambições tinham, qual o modo de interagir, de trocar afeto e outros predicados próprios dos humanos.

As fotografias ajudam um pouco, já que nosso raciocínio faz uma leitura pelo aspecto físico do fotografado. O esguio e com longos bigodes lembra alguém mais sisudo, que tem no enfeite facial seu ponto de referência e de equilíbrio. O mais gordo, sempre com a roupa esturricada, passa a imagem de alguém mais faceiro e pronto para dar gargalhadas das coisas da vida. As mulheres sempre deixam transparecer serem mães imaculadas, com a vida dedicada a se preocuparem com os filhos, como uma missão divina.

O tempo é uma via de duas





mãos, mas uma não lava a outra nem interfere no que a outra faz. Certamente nossos antepassados sabiam que deixariam descendentes, mas não imaginavam como seriam, que interesses teriam, qual conceito da vida utilizariam, e até mesmo se algum dia lembrariam da existência deles como algo que, se não existisse, afetaria a própria existência dos atuais. É muita existência!!!

Creio piamente na boa intenção dos meus antepassados, e rogo aos Céus que meus descendentes tenham essa ideia de mim. Não posso mudar nada do que lá atrás fizeram, de bom e de ruim, e também não desejo que os que levarem adiante meu patronímico sintam-se na obrigação ou na preocupação de consertar o que eles e eu fizemos.

Enfim, o relógio aquele agora está em uma das paredes da minha sala e nos fitamos diariamente. O pêndulo de certa forma me hipnotiza, fazendo lembrar da preciosidade desta peça que me alerta do meu posicionamento no tempo e no espaço e da necessidade de manter as minhas conquistas materiais e espirituais.

As sonoras badaladas, em especial nas horas cheias, para mim ressoam como um sinal vindo não sei de que lugar. Só sei que afetuosamente as rotulo, pelo que significam, de as magníficas badaladas do Theodoro.

ÍCARO CARVALHO
DE BEM OSÓRIO



NOITE DE PERCIVAL

7 89

IRACI JOSÉ MARIN

Reside em Caxias do Sul – RS. Professor estadual aposentado, advogado, desenvolve atividades culturais. Coautor do livro Histórias de Caxias do Sul (2010); autor de livros de pesquisa: Imigrantes poloneses afundados num mar italiano (2014) e A Polônia e os poloneses (2019); e de ficção: À margem do rio (2015), Conrado (2017) e A invasão (2019). Está no prelo um livro de histórias para o mundo infantojuvenil. advmarin@gmail.com

XVII 



NOITE DE PERCIVAL

Numa escura noite de chuva, Percival se sentiu deitado em cama estranha. Não era a sua cama de lastro de borracha. Não era seu colchão de palha de milho. Não era seu quarto de paredes caiadas com manchas de marrom esmaecido. Não respirava o ar gostoso de casa velha da família, construída perto do rio. Foi uma noite de muitas histórias.

Estava num lugar distante e triste, em que não havia canto de pássaros e onde as uvas das parreiras eram proibidas e nenhuma fruta se despencava dos galhos. O ar estava espesso e duro de respirar.

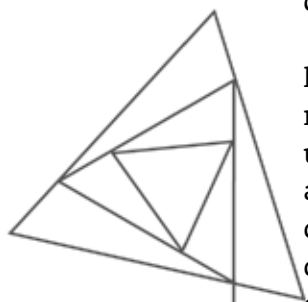
A brisa era sonolenta e ele, num instante, sentiu as mãos amarradas às

costas. À sua frente, apareceram enormes homens e feias mulheres, e todos olhavam para ele com olhos de outro mundo. Encheu-se de medo como a várzea do rio se enche de água, nas enchentes.

Tentou voltar-se e correr. Viu um campo aberto e fugir por ali poderia ser a salvação. Mas as pernas não se moviam e ele não saía do lugar. Os homens e as mulheres estavam com suas mãos enormes pegando seu pescoço e riam alto. Aquele riso chegava nele como um vento. E era um vento forte, que carregava coisas soltas, folhas secas, chapéus, poeira, mas ele não saía do lugar.

Logo o vento amainou, não havia mais homens maus nem mulheres feias, e sobreveio a mesma brisa sonolenta que mal mexia com a água do açude. Então ele fez um barco de papel como a mãe lhe ensinara. Soltou-o com cuidado na água. Soprou com força e o barco avançou aos solavancos, mal conseguindo vencer as pequenas ondas nascidas do seu sopro. Sentiu-se bem viajando sobre as águas calmas do açude. De repente, estava numa canoa e o açude ficou enorme. Divisou, ao longe, praias de areia fina e branca a iluminar, com o reflexo do sol, a vegetação





costeira. “Vou até lá”, decidiu.

No entanto, a chuva com vento levou-o do barco e ele caiu num lugar nebuloso. Era um vale e escureceu. Ele ultrapassou a noite sem senti-la. O dia apareceu com uma claridade fosca, saindo das montanhas. Nesta passagem, um misto de consciência abriu espaço em sua mente e ele queria estar na cozinha da mãe, onde o fogo no fogão fazia vibrar a lenha no seu peito. Nesta hora, senti até uma leveza perpassar o corpo, mas não estava na cozinha da mãe. O vale era um lugar estranho, e ele estava sem forças ou poder para ser o autor do seu fazer.

De repente, o sol apareceu, iluminou o dia como se o dia fosse a sua vida e ele se sentisse envolvido longa, longamente, num vasto sonho, contente como se estivesse caminhando pelos campos de Boaz, onde o trigo amadurecido despertava-lhe um sentimento de amor eterno, de ternura infinita, de coisas tão extraordinárias que não pertenciam a este mundo, mas que ele absorvia intensamente.

Um barulho forte ecoou na sua cabeça e ele despreendeu-se da noite. Ouviu sua mãe intimando-o a levantar-se porque o café estava na mesa.

IRACI JOSÉ MARIN



ONÇA BEBE ÁGUA

93

JOSÉ NEDEL

é formado em Letras Clássicas, Filosofia e Direito, mestre e doutor em Filosofia. Juiz de Direito e professor aposentado. Autor de muitos artigos em jornais, revistas e obras de autoria coletiva, além de 21 livros individuais, entre os quais estes de poesia: A curvatura da razão: poemas, 2. ed., 2009; A vez do verso: sonetos, 2011; A vez do verso: quadras, 2012; Última floresta: sonetos, 2015; Quadras em metro, 2016; Vida breve: sonetos, 2018. É membro da Academia Rio-Grandense de Letras. josededel@hotmail.com

XVIII





ONÇA BEBE ÁGUA

Sempre é falível toda ação humana,
Até se visa a um belo resultado.
O azar nos sobressalta e desengana,
Arte em que é mestre bem industriado.

Este por certo é nosso eterno fado:
Ganhar, depois perder, de forma plana,
O que nem mais convém ser estranhado:
É condição que nos define e irmana.

O bom, após tentames, aparece.
Por ruim que seja, a dor se desvanece,
Mesmo que deixe alguma surda mágoa.

Ao verdadeiro mescla-se a mentira,
Mas, no seu eixo, a Terra ainda gira,
E um dia a onça vem e bebe água.

95





A ERA DIGITAL E A TARTARUGA

97

LEILA TORELLY FRAGA

Pretora aposentada, psicóloga
e colaboradora do Caderno
de Literatura da AJURIS



A ERA DIGITAL E A TARTARUGA

Era uma vez uma tartaruga que fazia aniversário no auge do inverno. Costumava festejar a data junto com suas amigas cascas grossas. Nesse dia, todas saíam do casco para cantar o parabéns.

As amigas não ficavam muito contentes, mas como era uma homenagem, concordavam em fazê-lo. Tudo pela manutenção da paz no reino das cascudas.

Foi assim que no ano de 2020, em plena pandemia, descobriram que hibernar nos cascos-casa não era tão

simples como parecia. É que as contas tinham que ser pagas, e os bancos estavam fisicamente cerrados.

E agora, José?

As lentas senhoras se viram obrigadas a fazer um novo aprendizado. Quem diria! Tão cheias de experiência precisariam, de certa forma, voltar aos bancos escolares. Não dava para pedir socorro aos netinhos. Todos estavam confinados em suas moradias.

Algumas delas sequer possuíam e-mail. Outras usavam o celular apenas para bater papo. É bem verdade que algumas já sabiam usar o Whats de forma singela. Sempre havia a exceção, a tartaruga antenada como um gafanhoto, rápida como um mosquito. Picava as outras com suas proezas digitais.

Por fim o instinto de sobrevivência venceu a corrida. E as velhas senhoras, uma a uma, foram aprendendo acerca das novas regras de convivência: não telefone, é ofensivo; fale com os dedos; só use e-mails para documentar transações, e olhe lá; participe das reuniões digitais se não quiser ser enquadrada como da era pré-histórica.





Se tudo der errado, peça mil desculpas e telefone. Pode ser que o problema tenha solução. Nesse caso esteja preparada para ouvir suspiros de desalento, impaciência e outras coisinhas mais. Com muita sorte alguém será gentil e compreensivo com as suas limitações. Mesmo que pense: “o covid ainda não levou ela”. Afinal você, velha tartaruga, é do grupo de risco.

A turma dos jovens “pernalongas” só não sabe que as eras se sucedem. E a era pós-digital está ao dobrar da esquina. Eles e todas as atuais inovações também passarão. Do interior de suas cascas as velhas tartarugas, que muito já viram e viveram, se indagam afinal o que será mesmo Ser Humano...

LEILA TORELLY FRAGA



SEGREDOS

LÚCIA LOVATO NOGUEIRA LEIRIA

nasceu em São Francisco de Assis, é formada em Letras pela UFRGS. Desde 1995, é professora de Linguística, tendo atuado nas principais universidades privadas de Porto Alegre. De 2000 a 2002, foi professora de Língua Portuguesa e de Literatura e Cultura Brasileira na Universidade Eötvös Loránd, em Budapeste. Atualmente leciona no Curso de Letras da FURG.

101

XX



SEGREDOS

Minha mãe, filha da lua
Com ela tinha segredos
Plantio do jardim na cheia
Brotos no quarto crescente
A terra um arco-íris

Dália, chitinha, lavanda
Zabumba, boca-de-leão
Antúrio, cravo, jasmim
Gérbera, lírio, hibisco
Madressilva, caeté

Em noites do plenilúnio
Se perfumava de rosas
Colheita de amor-perfeito

LÚCIA LOVATO
NOGUEIRA LEIRIA

XX



O MEL A MEL

LUCIENE PIMENTEL BETAT

Oficial escrevente, em Cachoeira do Sul – RS. Bacharela em Direito (2008), especialista em Direito Penal e Processual Penal (2020) e acadêmica de Licenciatura em Letras.

 105



O MEL

Beleza e doçura.
Chegou e aqui ficou.
Seria autocura?
O seu cheiro exalou!

Não era laranjeira;
eucalipto, também não!
Canela coloração,
Pureza passageira.

Aroma e leveza
toque aveludado
típico de princesa!

Coração machucado,
saudade e tristeza!
Amor adocicado!

LUCIENE PIMENTEL BETAT

A MEL

Beleza e doçura.
Chegou e aqui ficou.
Seria autocura?
O seu cheiro exalou!

Não era laranjeira;
eucalipto, também não!
Canela coloração,
Pureza passageira.

Aroma e leveza
toque aveludado
típico de princesa!

Coração machucado,
saudade e tristeza!
Amor adocicado!

Caderno de Literatura | 2021

XXI





O SER E OS SERES

7 109

**MANOELINHA SANTOS
DE SOUZA CASTRO**

Este texto é de autoria de minha irmã, Esperidina Alves dos Santos, falecida em 2001. Esperidina era professora de geografia e escritora. Foi diretora da Associação dos Geógrafos do Brasil, seção Porto Alegre, entre 1986 e 1988. Autora de, entre outros, Interregno, livro de contos com forte inspiração feminista e existencialista.



O SER E OS SERES

Esperidina Alves dos Santos

Gostava desses momentos em que o corpo saciado reclamava por atividade, mas a quentura da cama a retinha, encolhida sob as cobertas. Os primeiros sons da manhã, abafados, distantes, transmudam-se em perceptíveis após o primeiro toque de consciência, anunciando o início da faina diária. Vira-se e se surpreende, uma vez mais, de não acordar a cada movimento noturno com o forte rangido da cama. “Devo ter um sono muito pesado”, conclui, e logo resvala na leve inconsciência final, precursora do definitivo abrir de olhos. Um sobressalto arranca-a da madorna, para logo recair na inconsciência.

MANOELINHA SANTOS
DE SOUZA CASTRO

Uma onda gigantesca surge da lagoa e avança, envolvendo-a, sem que possa fugir ou se defender. Vai morrer afogada, é inevitável. Acorda com o coração saltando no peito. Uma batida seca, ao longe, tranquiliza-a. O auxiliar estava a postos, recolhendo amostras, vistoriando as comportas e a casa de bombas, junto à estrada. Era comum os fazendeiros abrirem-nas durante a noite. A água escorria horas seguidas para as lavouras, até que ela e o auxiliar acorressem a fechá-las. Na vila não conseguiam ajuda, todos tinham medo dos proprietários.

Mesmo quando as comportas não haviam sido tocadas, alguma coisa boiava, um animal morto, um velho ratão que não conseguira se safar a tempo da disputa por uma fêmea com os mais jovens, uma árvore ou aguapé, entupindo a saída da água. Ou uma flor aquática de exótica beleza. Seguidamente era a vazão, subitamente caudalosa pelo escoamento de uma pancada de chuva a montante, na cabeceira dos rios alimentadores do banhado, que os preocupava. Não raro um cadáver boiava como uma posta de carne num prato de sopa. Leva as





mãos ao estômago, nauseada. Quando acontecia, tinha que chamar a polícia, e esperar que chegassem. Eles não tinham pressa. Acompanhava-os enquanto içavam o infeliz. Às vezes tinha que ajudá-los, segurando o morto para que o colocassem no chão do Jeep.

O auxiliar desaparecia nessas ocasiões, e ninguém o conseguia encontrar. Tinha medo de mortos. Ela não podia negar ajuda, mas ficava crispada por dentro.

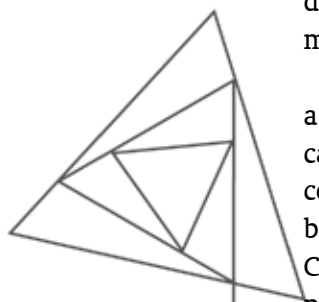
Tinha esfriado sensivelmente durante a madrugada. O inverno ia ser daqueles. Por isso os delicados arminhos tinham estado inquietos no dia anterior. A onda de seu breve mas assustador sonho certamente tinha a ver com seu corpo sentindo frio. E com as aves chegando, em busca de alimento e paz. Tinha que protegê-las, era sua função e sua preocupação.

Veste-se rapidamente, ouvindo os próprios suspiros. Enfia o velho casaco, aspirando o cheiro acolhedor de tantos e passados suores. Decide deixar o banho para mais tarde, se o auxiliar se dispuser a acender o fogo sob a caldeira. Ele não demonstrava pressa em realizar essas frescuras, assim denominava as tarefas que

pudessem acrescentar algum conforto às suas vidas. Não via necessidade de banho, residiam apenas os dois na estação. Nem mesmo quando ia à vila ele caprichava na aparência. Ela se esforçava para suportar seu mau cheiro, porque precisava dele para realizar as outras tarefas, as que ele considerava dignas de um homem. Essas ele realizava com alguma presteza, mas não de boa vontade. Não parecia morrer de vontade por qualquer tipo de esforço. O cargo e o salário, reduzido embora, conferiam-lhe uma certa importância entre os moradores da vila, onde quase ninguém tinha emprego fixo. Trabalhavam para os fazendeiros, na época da colheita, por empreitada. Na entressafra passavam o tempo bebendo, jogando osso ou bilhar, entre eventuais caçadas e pescarias. Comiam a carne trazida dos banhados, as peles vendiam a preços ínfimos para compradores de fora. Era a época de mais trabalho para os funcionários dos postos da reserva.

O inverno recém se iniciava. Com os homens ocupados nas fazendas, sem tempo para investidas sobre os animais, podia descansar, adiantar seu trabalho. Podia elaborar os relatórios, colocar em





dia a correspondência, ler. A época da matança ainda não tinha chegado.

Um dia pediria transferência para a sede, na cidade, e voltaria para sua casa. Lavaria o rosto todas as manhãs com água quente, e tomaria longos banhos. Voltaria a viver como uma moça. Chegava quase a esquecer que mulheres podiam fazer outras coisas além de viver em desconforto, bolos, por exemplo, de que sempre gostara. E filhos.

Escancara a janela, jogando as abas para os lados com força exagerada. “Isso não são modos de menina, seja mais delicada”, ouvia a mãe, corrigindo-a. “Estabanada”, sentenciava ainda a mãe. Só quando as abas retornam, movidas por impulso contrário, lembra de trancá-las com o getulinho, como sua irmã denominava os trincos de metal. Estaria ela nesse momento servindo café aos filhos? Teria feito um bolo, talvez. Chega a sentir o gosto açucarado.

O ruído das folhas da janela contra a parede de madeira traz de volta os primeiros sons da manhã, antes de pular da cama. Espraia o olhar pelo lago, à procura do auxiliar. Vislumbra-o numa vaga mancha batida pelo sol,

movimentando-se na extremidade do lago, sobre a passarela que o separava da barragem. Tinha que haver uma explicação. Perguntaria quando se encontrassem para o café. Ou antes. Os cisnes continuavam inquietos.

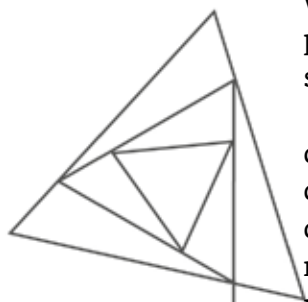
Senta-se à mesa para aproveitar os últimos momentos antes de iniciar as tarefas do dia.

Eles esperam, esquecidos, nadando em busca dos peixes mais apetitosos. A escuridão longa e fria abre-lhes o apetite, o ser malcheiroso já se movimentava sobre a dureza, mexendo em coisas. Ignorava-os. Eles podiam andar tranquilos, não fosse uma vaga necessidade, como uma ausência.

“...várias situações, com características diferenciadas. De um lado, a barragem, e tudo o que acarretou, em prejuízos e benefícios, e de outro o banhado, amplo, mas frágil às oscilações climáticas e aos ataques de ordem humana.”

“A utilização de defensivos agrícolas em quantidades exageradas, ou mesmo reduzidas, ataca os juncais, onde os cisnes-de-pescoço-preto, as coscorobas e outras espécies se reproduzem. Esses





venenos matam também os pequenos peixes e os moluscos de que essas espécies se alimentam.”

Mergulha as mãos nos cabelos, desalentada. “Nota-se a cada ano acentuada diminuição nas espécies, especialmente de crioulos, aqueles exemplares que, por motivos desconhecidos, acabam se fixando no lugar, deixando de partir com os outros, no fim do inverno, quando os bandos retornam para a Patagônia.”

Não vão longe, como os falcões-peregrinos, alguns maçaricos, as marrecas-coloradas e andorinhas, cortando os céus, de um hemisfério a outro. Esses chegam à reserva exaustos e esfomeados, mas logo se recuperam, ao abrigo de nossas águas piscosas, readquirem as reservas gordurosas para enfrentar o frio e as longas viagens.

A liberdade fora seu sonho. Andar pelo mundo, ao sabor do vento, chegando e partindo como os pássaros e as aves migratórias. Acabara arranchada, como os cisnes. Deslizavam elegantes pelo banhado, com os pescoços pretos graciosamente engastados nos alvos corpos e esticados para o alto. Não se cansava de admirá-los. “...podiam caçar e pescar, desde que na

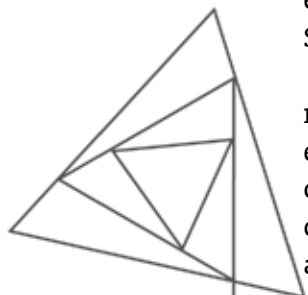
época certa, e apenas para suprir suas carências alimentares, não...”

Os barcos, os cavalos. Eles tentam fugir, mas não conseguem nadar. Os remos os atingem. Os homens riem, animados pelo álcool e pelo cheiro de sangue tingindo a água de vermelho. Os cavaleiros correm junto às margens, vibrando os relhos, atingindo os que tentam escapar para os juncais. Os homens esquecem as diferenças, irmanados pelo mesmo e intenso prazer.

“Tivessem se concretizado as desapropriações necessárias, as espécies poderiam cumprir seus ciclos de vida em tranquilidade, não estariam migrando para outros lugares, como as lagoas do litoral, ou simplesmente morrendo envenenadas.”

Iria para outra reserva, antes de retornar à cidade. Para a Lagoa do Peixe, talvez. Se estabeleceria entre as águas rasas e o mar, nas dunas. Observaria as revoadas, anilharia os espécimes, entre seus gritos de prazer, de um lado, e do outro o marulhar contínuo. Comería peixe todos os dias. “Terei os olhos gretados pelo sol, e muita paz”, decide, suspirando. “Se não tenho com quem falar, suspiro,





é uma forma de expirar o ar e relaxar.” Sorri em silêncio,

“O cerne do problema reside na necessidade de água para suas lavouras, especialmente nas estiagens, como a desse outono seco e frio. Insistem em desviá-la para suas fazendas, abrem as comportas. Os peixes morrem e as aves disputam o pouco alimento que conseguem. Muitas acabam morrendo, outras vão embora.”

Levanta a cabeça e vê o próprio rosto refletido na vidraça, entre os raios de sol e o reflexo da lâmpada acesa sobre a mesa. O dia se instalara. Pensa um pouco, antes de continuar.

“Fica difícil lutar contra isso. Eles são protegidos por políticos que, em campanha, se declaram defensores do meio ambiente e da ecologia.”

Da ecologia e do meio ambiente ao estilo e interesse deles.

Desliga o gravador, apaga a luz e joga as folhas sobre a mesa. Ajeita-as ligeiramente, ninguém tocara nelas. Baixa as vidraças, às vezes a brisa matutina assumia súbitos ares de vento. Lança um último olhar para os lados da vila, ainda enfumaçada pelos fogões à

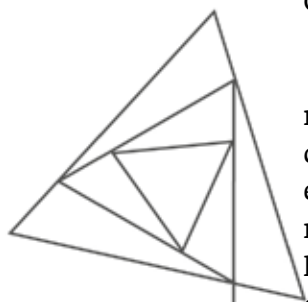
lenha e pela umidade pesada da noite que o sol ainda não dissipara. Além, os bosques, à beira d’água, mal se deixavam entrever. O campo, ao largo, era o pano de fundo para a doçura da manhã recém-iniciada. Abre a porta e sai para o ar livre, tendo o cuidado de voltar-se e fechá-la, ou a bicharada invadiria a peça, em busca de calor ou movidos pela curiosidade.

Daria uma volta pequena, para uma rápida vistoria, depois retornaria para preparar o café, que o rapaz se recusava a preparar. Tinha que lhe falar. Só mais tarde iriam no velho e resfolegante barco para uma olhada mais detida aos juncais. Nessa época nasciam os primeiros filhotes de coscorões. Para os cisnes ainda não havia chegado a hora.

Grasnavam, agitados. O grande ser reviverá. O que faltava estava preenchido. Podiam dobrar o pescoço até embaixo e fender a água lentamente, de um lado para outro. O grande ser emitia vibrações envolventes. Arrulhavam quando ele se aproximava.

Ele não parece vê-los, nem perceber-lhes a presença. Em vez de lançar vibrações em suas direções, aproxima-se do ser malcheiroso.





Concentra-se nele, deixando-o ao desalento.

– Bom dia.

Ele bate a cabeça levemente, mas não responde. Continua constantemente consertando as redes, mesmo sabendo que ela não gosta de instrumentos de morte na reserva. Parece mais mal-humorado do que habitualmente, ia ser um dia aborrecido. Teria que procurar companhia entre os animais.

– Que vozes foram aquelas essa noite?

Um leve tremor agita-lhe os ombros.

Permanece em silêncio, mas ela não desiste.

– Hein, que vozes foram aquelas?

Ele responde com uma pergunta, em voz aparentemente casual:

– Vozes? Mas que vozes?

– Não sei, estou te percebendo.

– Ué – irrita-se ele –, eu sei lá de vozes. Dormi a noite inteira, estava frio, a senhora não sentiu?

Era bem dele, desconversar.

– Sim, esfriou durante a madrugada, mas é normal, o inverno está chegando, mas não é disso que estou falando... estou falando é das vozes que ouvi.

Ele sorri, apaziguador,

– Ora, doutora – chamava-a assim para mostrar que ela, vinda da cidade, só tinha o título, mas não entendia nada da vida

na reserva –, decerto foi o vento nas árvores.

Ela teve a certeza de que ele não ia dizer nada. Resolveu não insistir. Tinha mais o que fazer.

Afastou-se para retornar a casa, mas um impulso fê-la voltar-se a tempo de vê-lo baixando rapidamente os olhos.

– O café fica pronto em poucos minutos.

Ele sacode a cabeça.

Os cisnes continuam comendo e brincando. Ela passa sem vê-los, e eles revoam aparentemente sem rumo. Continuam, inquietos, agora mais do que antes, o grande ser os afasta, esquecido deles.

Sentaram-se à mesa quando o sol ia alto no céu. Serviu-o antes. Ele considerava um direito de homem ser servido pela mulher, fosse quem fosse, e ela precisava dele.

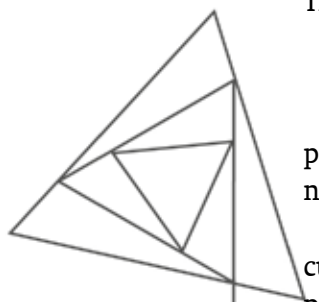
Além do mais, não lhe custava demais o gesto.

– Tenho que ir à vila... Ela bateu a cabeça, concordando. Ele continuou, de cabeça baixa:

– ... ainda hoje.

– Quando? – surpreendeu-se ela.





Tinha por hábito avisar com antecedência.

Não obteve resposta.

– Avisaste teu primo?

Tinham combinado que quando ele precisava sair, chamava o parente para ficar na reserva, a troco de uma pequena quantia.

Ele mordeu um pedaço de pão, mas custou a engolir. Ela quase esquecer a pergunta, quando ele respondeu:

– Não pude avisar.

Terminaram de comer em silêncio maior do que o de costume.

Ela lavava a louça quando ele, de botas, facão à cintura, despediu-se avisando:

– Não me demoro e... – terminou a frase num bocejo.

Estivera com alguém durante a noite. Uma mulher, talvez. Se fosse, não lhe dizia respeito. Era melhor ignorar. Voltou às suas tarefas.

O sol a pino indicava a metade do dia quando ela desamarrou o bote e iniciou a vistoria diária.

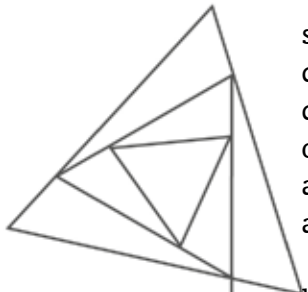
Voltou à meia-noite, molhada e cansada. Chamou pelo rapaz, mas não obteve resposta. Amarrou o bote e se dirigiu ao quarto para trocar de roupa.

Precisava registrar mais uma descrição das belezas presenciadas no banhado.

Esticou a mão para o lugar onde devia estar o gravador, mas não o encontrou, relanceou os olhos, procurando-o. Estava sobre a prateleira. Apertou o botão para ouvir o silêncio, antes de iniciar a gravação. Sua voz encheu o quarto “... se declaram defensores do meio ambiente e da ecologia”.

Não lembrava de ter dado ré no aparelho. Cansaço, certamente. Por isso decidiu passear à beira do lago, olhar os cisnes, em vez de continuar trabalhando. Acompanhava o caminho da água, deslizando mansamente com os outros, depois voltava contra, gritando pelo prazer do esforço. Esfriava, podia sentir o estremecimento involuntário do corpo. A luz, já pouca, diminuía ainda mais. O tempo encurtava, não podia ingerir a quantidade necessária de alimentos. Impávido, no caminho da brisa, tinha, entretanto, as pernas enregeladas dentro da água encrespada. Esperava que o vento parasse de assoprar em seus ouvidos e o desconforto passasse. Lembrava vagamente de quando a água era morna e quieta, e ele a defendia, junto com os outros, orgulhosos e gentis, como era de seu feitio.





Relanceou o olhar em torno, sem maior interesse. O frio os tornava desatentos. Um peixinho, pouco maior do que os demais, nadava em torno, oferecendo-se. Não conseguindo chamar a atenção, rabaneou uma última vez e se afastou, digno.

Não vai persegui-lo. Poderia comê-lo, ainda tem fome, mas a fraca luz do fim da tarde imobiliza-o, e aos outros. Espaneja-se, tentando se manter ativo. Seu corpo, entretanto, se agita num estremeção involuntário.

A companheira se aproxima. Precisavam comer tudo o que pudessem enquanto fosse possível, antes que os bandos chegassem, trazendo o frio, disputando a comida e os espaços entre os juncais, perturbando seus prazeres.

Tinha ali tudo que precisava, para si e para os pequenos seres, quando chegassem, depois do momento doloroso, que se aproximava. Ele e a parceira o realizariam, chegado o tempo.

Corta a água, de pescoço empinado, procurando um lugar onde as vibrações não ferissem os seus ouvidos. O grande ser se aproxima. Estica mais o pescoço, nada em círculo, mas não o vê.

Continua esquadrinhando, procurando-o.

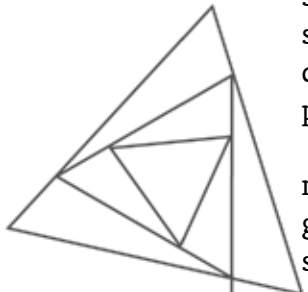
Então o vê. Não vem só, alguém o acompanha, emitindo sons que se chocam aos seus ouvidos, machucando-os. Até do grande ser, sempre tão amável, saem sons perturbadores. O outro ser parece o malcheiroso, mas não é ele.

Pode vê-los, mas nada em outra direção, fugindo de suas vibrações. Não olhando para eles, não o veriam. Tinham aprendido que seres estranhos parecem sentir prazer em vê-lo e aos outros em movimento. Às vezes, coisa terrível, alcançam os que não fogem a tempo e passam as garras em seus corpos. Só em lembrar naquelas manoplas apertando seus órgãos, até os mais sensíveis, emite sons esganiçados. Os outros, e a companheira, se assustam e gritam também. Afastam-se, mas logo retornam.

Os seres parecem ignorar a perturbação que eles mesmos causam. São assim, insensíveis. Aproximam-se, movimentando-se sobre a parte sólida, junto à água. Como podem preferir a dureza e o frio, quando podiam andar na água cálida e acolhedora, não conseguiam entender.

As vibrações, agora mais fortes, desorientam-nos. Vão e voltam





sucessivamente, num impulso, ensaia voo sobre o canal. Os outros o rodeiam, partes de um só. Logo retornam, ressuscitados, para pousar, inermes onde partiram.

Os seres estão mais próximos. Não mais deslizam, apenas movimentam as garras, certamente querendo voar. O outro ser atinge o grande ser com a ponta da garra, derrubando-o.

Gritam todos, o grande ser tenta reerguer-se, mas o outro o empurra novamente.

Ele tenta chamar a atenção do outro ser, fingindo-se de morto, para logo depois, num salto, retornar à vida e escapar nadando para águas mais seguras. Ele, porém, o ignora. Parece transtornado. O grande ser jaz imóvel, caído à beira d'água.

A escuridão os envolve rapidamente. Os pares se encontram nos recantos mais abrigados. A brisa aumenta.

Ouvem, mas não veem o baque na água, e logo se recuperam, assimilando o novo habitante. Eles também não se incomodam com o grande ser, imóvel, boiando entre eles.



OLHOS NOS OLHOS

127

MARCELA PEREIRA DA SILVA

Juíza Titular da 1ª Vara Cível
da Comarca de Alegrete



OLHOS NOS OLHOS

A comunicação nos dias atuais foi ampliada pelo olhar.

Há muito tempo ouvimos expressões como “não foi preciso falar”, “me conhece pelo olhar”, “só de olhar!”...

O uso das máscaras de proteção nos trouxe a necessidade de falar com o outro olhando no rosto, em especial, nos olhos.

Parece até que, ao falar, olhar nos olhos dos outros facilita a escuta, em razão do abafo da voz causado pelo uso desse acessório.

O olhar também identifica a expressão do rosto do outro e nunca foi tão importante prestar atenção nele.

Sorrimos com os olhos!

Hoje nas fotografias tiradas com máscaras aumentamos o “zoom” para ver os olhos das

peças e conferir se eles estão sorrindo... Os olhos também mostram angústias e tristezas trazidas pela pandemia que assola o mundo.

Eles também expressam solidariedade, compaixão...

Olhos nos olhos já não era tão comum assim. As pessoas fugiam do olhar do outro com mais frequência, não raras vezes, sequer olhavam nos olhos alheios.

Que momento!

Comunicação e emoções hoje são vivenciadas além da fala e do contato, com muito mais intensidade. Os abraços foram substituídos pelos olhares!

O que vemos é o ser humano se (re) humanizando ao ampliar a forma de se (re)conectar com o outro e de um modo genuíno... olhando para o outro!

E nos olhos!

Olhos nos olhos: comportamento gerador de simbologias como verdade, confiança, acolhimento e amor!

Que permaneçamos olhando nos olhos uns dos outros como verdadeira forma de conexão, como meio de comunicação, de empatia e outras coisas, mas que ninguém mais seja sujeito de uma conversa ou situação sem ter sido visto nos olhos.





A MÃO

MARTA LEIRIA LEAL PACHECO

Procuradora de Justiça aposentada e escritora. Lançou o primeiro livro solo na 65ª Feira do Livro de Porto Alegre, *A inveja nossa de cada dia* e outras reflexões crônicas, finalista, em 2020, dos Prêmios da Academia Rio-Grandense de Letras e Minuano, ambos na categoria crônica. Participa de oficinas com os escritores Cíntia Moscovich e Emir Rossoni.

Site: www.martaleiria.com.br

 131



A MÃO

O fato de nossos pais tentarem dissuadir a mim e minha irmã da ideia de que lobisomens existiam não nos fez desistir da busca. Medo de entrar na mata fechada? Claro! Medo das jaguatiricas, das cobras, de nos perder. E de sermos, em algum clarão, atropeladas pelos cavalos selvagens que habitavam os campos do Piquiri, em Cachoeira do Sul. Júlio, o avô paterno, falava que antes eram cerca de quinhentos, mas, com o avanço das plantações de arroz, o número diminuiu bastante. Como ele gostava de nos contar histórias! Os caseiros Pequena e Milton diziam já ter visto o José nesse estado deplorável, transfigurado. Provas concretas? Não tinham

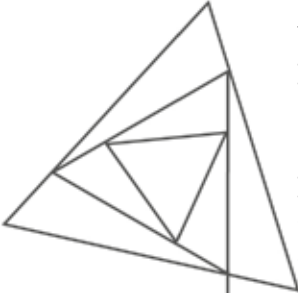
MARTA LEIRIA
LEAL PACHECO

e nem pretendiam convencer ninguém. Nos finais de semana do verão, toda a família se reunia em volta do fogão à lenha para saborear feijão, mogango caramelado, canjiga doce e outros quitutes preparados pela vó Norica. Adorávamos colher amora e butiá do pé, tomar banho no açude e, claro, cavalgar. Na sexta-feira, véspera do final de semana em que toda a família estaria presente, poderíamos matar a saudade dos primos.

Era preciso que o tempo passasse logo e nos entretemos com os cavalos o dia inteirinho. Sabia onde o pai guardava a máquina fotográfica, dispensei a autorização e fui me ocupar do registro do que víamos pelo caminho: flores, árvores, pássaros. Eu era melhor nessa parte, e minha irmã na condução dos cavalos. Eu ficava sempre para trás tentando, em vão, acompanhar seu destemido passo. Fomos até a venda buscar farinha e melado a pedido do vó. Essa mistura era das nossas sobremesas favoritas, ao lado das rapadurinhas de leite e da goiabada com queijo preparadas pela vó.

Quando o dono do armazém nos alcançou a farinha e o melado, uma mão muito





estranha pousou sobre o balcão e largou ali umas notas amassadas. Era toda retorcida, parecia um galho pronto para se desprender da árvore, bem distante da forma natural do membro do corpo, com uns chumaços de pelo escuro. As unhas, compridas, afiadas e pretas por baixo. A noite se avizinhava e, embora os lampiões já estivessem acesos, não dava para ver direito o que era. O dono da venda falou baixinho: “Vê lá o que tu vai fazer, José! Amanhã cedo a lua cheia já se foi e tu vai te arrepender, não te esquece do julgamento no Juízo Final!”. O resto não ouvimos bem, mas era sobre galinha ao molho pardo. E jogou ali em cima a ave ainda quente que acabara de matar, cortando o pescoço bem na nossa frente. Ficamos atônitas, nunca tínhamos encontrado com o José. Embora com o corpo inteiro tremendo, não podia sair dali assim, sem a prova. Ao fazer menção de pegar a máquina fotográfica, aquela mão estranha tocou de leve na minha. E uma voz que parecia vir das profundezas disse: “Não”. Corremos aos tropeços dali. Encontramos nossos cavalos em polvorosa, como se tivessem visto algo de outro mundo. Mas apenas o silêncio se fazia presente lá fora.

MARTA LEIRIA



CARTINHA P'RA NETINHA LUIZINHA

135

MIGUEL ANTONIO JUCHEM

magistrado aposentado RGS – advogado
– psicoterapeuta reencarnacionista.

XXV 



CARTINHA P'RA NETINHA LUIZINHA

Muito bem-vinda
Amada Luizinha
Bela e graciosa criaturinha
Pequenina gauchinha montenegrina
Presentinho de Deus
E dos pais teus

Sou o teu vizinho
Aquele que ajudou a fazer o teu paizinho

Vieste a este mundo
Para ajudar
Que muito humano vivente
Habitante deste Universo
Deixe de ser um ente perverso

Também vieste
Como uma nova inspiração
Para minhas novas inspirações
E expirações
E ações

Contigo sempre estarei
Por ti sempre torcerei
De ti eternamente cuidarei

O signo teu, Aquário
O signo meu, Peixe
Peixe que, quando muito brabinho
Pode virar um tubarãozinho
Mas que
Na maior parte do tempo
Não passa de um inofensivo peixinho

Peixinho
Que agora vai nadar
Nas serenas águas
De um aquariorzinho
Que pulsa dentro do teu esquerdo peitinho
E que tem o formato de um coraçãozinho

Carinhoso beijinho
Do teu vizinho

Miguelinho





MEMÓRIAS

MILENA NUNES

Escrevente Auxiliar de Juiz no Foro
Central de Porto Alegre/RS

 139



MEMÓRIAS

Meu primeiro contato com a morte foi aos 7 anos. Minha mãe me buscou aquele dia na escola, ao final da tarde, dizendo que precisávamos passar “em um lugar” antes de irmos para casa. Minha testa escorria suor; os cabelos totalmente desgrenhados depois de uma tarde de pega-pega e pique-esconde; o uniforme azul e branco sujo de terra.


As capelas do necrotério da minha cidade eram duas, bem em frente ao cemitério. Meu pai ainda hoje passa lá e, quando vê a montoeira de carros, pergunta: “Quem será que morreu?”. Minha mãe adentrou a capela comigo a reboque. Prostrou-se em frente ao morto e, naquele momento, o tempo parou.

MILENA NUNES

Lembro do caixão de madeira escura, com pegadores cor de prata nas laterais; o manto branco rendado cobrindo o esquife, o qual, da metade para baixo, era adornado com flores; as mãozinhas cruzadas do defunto envoltas no terço; ao redor, as coroas de flores, uma delas, com horrorosos cravos de defunto azul-esverdeados de gosto duvidoso. Lembro de tudo, menos do morto. Sua identidade para mim é um mistério, e sua face só vem à minha memória como um borrão. Hoje, minha mãe jura não se recordar do episódio, quanto menos do morto. Mesmo assim, ficou até o final, não me poupando do ápice de toda a cerimônia: o enterro.

Naquela noite, óbvio, chorei. Como toda criança, não conseguia compreender o mundo sem mim. Para onde iria aquele ser humano, afinal? Minha mãe nunca foi religiosa, mas, naquele dia, recorreu a Deus. Disse que esse tal Deus é que nos receberia quando chegasse a hora, e que não, não ia “doer” (minha maior preocupação). Eu lembro de ter pensado que ela não tinha como saber isso, pois nunca tinha morrido, mas me contentei depois da insistência dela de que Deus “sabe o que faz”. Engraçado como as






crianças fazem perguntas complexas, mas se contentam com respostas simplórias.

Depois desse episódio traumatizante, só voltei a me deparar com a morte aos 23 anos. Meu avô tinha câncer, e eu vivi com ele seus últimos momentos, inclusive na sua última internação. Fui com ele para o hospital de ambulância, e pedi que ele respirasse junto comigo naquela noite, enquanto a equipe médica providenciava às pressas o suporte de oxigênio. Eu e meu avô éramos reservados; nosso amor era quase platônico e envolto de um profundo respeito e admiração um pelo outro. No dia anterior à sua hospitalização, foi quando mais conversei com ele em 23 anos, e foi também quando ele, espontaneamente, revelou que tinha “vivido uma vida boa”.

Quando ele morreu, as minhas recordações infantis de um velório esmaeceram – não o adorno, que continuo achando medonho. Mas os traumas foram substituídos pelo abraço que eu precisava, ou por uma última história sobre um avô amoroso que ninguém tinha me contado. Passei a entender que o que se recorda é a vida, porque a morte não é protagonista de nada: não passa de um borrão na memória de uma criança.

MILENA NUNES



O QUE NÃO TE CONTARAM SOBRE AS MULHERES

143

NELSON DOS SANTOS BLAYA

Advogado desde 01 de setembro de 1977, foi professor de direito tributário e processo civil durante 17 anos na ULBRA; atualmente aposentado e fazendo trabalho voluntário para alunos interessados nas matérias que lecionou.

XXVII 



O QUE NÃO TE CONTARAM SOBRE AS MULHERES

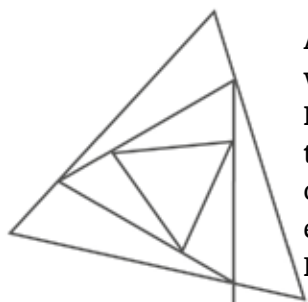
Três mulheres marcaram a história da humanidade: Lilith, Eva e Pandora. O convite é para mergulhar nos mitos e histórias para pesquisar o que houve de comum entre elas. A alma feminina é puro mistério. “A grande questão que nunca foi respondida, e que eu ainda não tenho sido capaz de responder, apesar dos meus trinta anos de pesquisa sobre alma feminina, é o que quer uma mulher?” Assim disse Freud, se alguém souber responder, é favor nos informar.

Sem a pretensão de estabelecer

uma ordem cronológica, o que me parece impossível, verdade é que a primeira mulher de Adão foi Lilith, uma criatura insubordinada. Dizia que fora criada com o mesmo barro que Adão e na mesma época. A maior queixa de Adão é que Lilith se recusava a ficar por “baixo” nas relações sexuais. Ela contestava Adão: “Por que devo deitar-me embaixo de ti? Por que devo me abrir sob o teu corpo? Por que ser dominada por ti? Se eu também fui feita do mesmo de pó, por isso sou tua igual.” Adão retrucou: “Eu não vou me deitar embaixo de ti, e fico apenas por cima. Pois tu estás apta apenas a estar na posição inferior, enquanto eu sou superior.” Lilith respondeu “nós somos iguais”. E voou pelos ares.

Adão orou ao Senhor reclamando baixinho. “A mulher que o Senhor me confiou fugiu.” Deus mandou três anjos para trazê-la de volta, mas não tiveram sucesso. Lilith juntou-se aos anjos caídos e se casou com Samuel, a quem induziu a tentar Eva. Lilith, por sua vez, com todo o poder de sedução que tinha, tentou Adão. Praticaram o primeiro adultério da história.





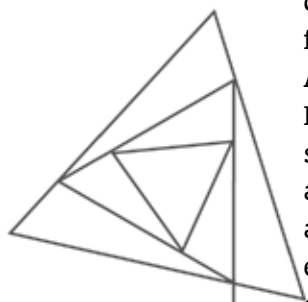
Muito tempo depois Lilith seduziu Adão novamente e foram copular. Só dessa vez Adão concordou em “ficar por baixo”. Ela alegava que tinha tomado a iniciativa, e tinha que ser como ela queria. Hoje se diria, ou não vai rolar se não for assim. Adão entregou o comando a ela e ficou passivo. Lilith reagiu de modo surpreendente, beijou Adão na boca, um beijo quente, molhado, escandaloso, longo, quando as línguas se encontraram, ela sentiu que ele estava correspondendo, e disse baixinho no ouvido de Adão: “Vem com tudo, querido. Vamos fazer gostoso e chegar juntinhos. Tu nunca mais vai esquecer.”

Como se vê, o movimento da emancipação feminina das sufragistas, que lutaram desde o século XIX e começaram na Inglaterra na defesa dos direitos políticos de votar e ser votada, teve a sua gênese com Lilith. O sonho de igualdade ao homem sempre foi um constante na alma feminina. No meu sentir isso é um equívoco. A mulher sempre foi superior ao homem, tem uma saúde muito melhor, uma vida bem mais longa. Uma capacidade incrível de sentir antes mesmo de raciocinar, que chamam de sexto sentido, o que é um fato incontestável. Tanto é verdade que a superioridade

feminina é um fato, que existem muito mais viúvas que viúvos. E elas, via de regra, vivem sozinhas, não aceitam mais lavar cueca, fazer comida, limpar a casa, numa rotina de trabalho que não termina nunca, e muito menos receber ordem, ou ter que dizer onde foi hoje de tarde. A sua nova paixão é a liberdade, e quanto maior, melhor. Com relação ao sexo, isso não é maior dificuldade, há uma oferta generosa no mercado, e como ensinava Cícero, em Arte de Envelhecer, “mesmo no outono da vida, é necessário ceder aqui e ali a uma tentação”. Depois da segunda ou terceira experiência, com um destes meninos que vendem amor a varejo, elas descobrem que a graça está em variar, como aparentemente manda a natureza. Recomendam, umas para as outras, uma relação que vale a pena repetir. Assim que, depois de dar todos os trâmites do casamento por findos, é só arquivar o finado. Lembrar dos aniversários de nascimento e morte ou, em alguma eventualidade, se for referido, o nome do consorte.

Em face do desastre com Lilith, Adão vai ter com o Senhor e aduz que a nova mulher deveria ser uma pessoa





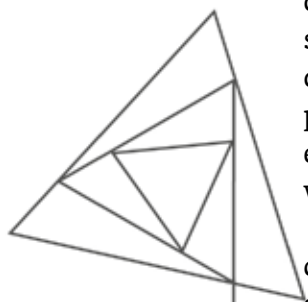
com a mesma carne que ele. A solução foi criar Eva a partir de uma costela de Adão. Genesis 18 “O Senhor Deus disse: Não é conveniente que o homem esteja só; vou dar-lhe uma auxiliar semelhante a ele.” Gênesis 21 “Então o Senhor Deus adormeceu profundamente Adão e, enquanto ele dormia, tirou-lhe uma das costelas, cujo lugar preencheu de carne. Ao vê-la, o Adão exclamou: Esta é realmente osso dos meus ossos e carne da minha carne! Vou chamá-la de mulher, visto ter sido tirada de mim. Por este motivo, o homem deixará o pai e a mãe para se unir à sua mulher; e os dois serão uma só carne.”

Adão e Eva viveram durante sete anos no paraíso. Não conheciam roupas, foi somente depois que foram expulsos do paraíso que o Senhor fez uma túnica de pele para cada um e os vestiu. Aconteceu, como está no Gênesis, que a serpente, o mais astuto de todos os animais que o Senhor Deus criou, perguntou à Eva: “É verdade ter-vos Deus proibido de comer o fruto do jardim?”. “Podemos comer o fruto das árvores do jardim, mas quanto ao fruto da árvore que está no meio do jardim, Deus disse: ‘Nunca deveis comer, nem sequer tocar nela, pois se o fizerdes morrereis’.” A

serpente, depois de ouvir atentamente, disse à Eva: “ Não, não morrereis. Deus sabe que, no dia em que comerdes, abrir-se-ão os vossos olhos e sereis como Deus, ficareis a conhecer o bem e o mal.” Vendo a mulher que o fruto da árvore devia ser bom para comer, pois era de aspecto atraente e precioso e necessário para iluminar a inteligência, agarrou do fruto e comeu, e deu um pedaço ao seu homem, que estava junto dela, e ele também comeu. Então se abriram os olhos dos dois e, reconhecendo que estavam nus, prenderam folhas de figueira umas nas outras e as colocaram como se fossem cinturões, à volta de seus rins.

O castigo aos três pelo Senhor foi exemplar. Disse à serpente: “Rastejaras sobre o teu ventre, alimentar-te-ás de terra todos os dias da tua vida. Farei reinar a inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e a dela.” Depois disse à mulher: “Aumentarei os sofrimentos da tua gravidez, e os teus filhos não de nascer entre dores. Procurarás com paixão a quem serás sujeita, o teu marido.” E, a seguir, sentenciou: “Adão, só arrancarás alimento às custas de penoso trabalho, em todos os





dias da tua vida. Comerás o pão com o suor do teu rosto, até que volte à terra de onde foste tirado, porque és pó e ao pó retornarás.” O Senhor fez para Adão e a sua mulher túnicas de peles e os vestiu para que adquirissem o pudor.

Desesperados, com frio e com fome, os dois só pensavam em suicídio, que só não cometeram porque agora tinham a capacidade de pensar, e como diz Hamlet em seu monólogo. “O pensamento assim nos acovarda, e assim é que se cobre a tez normal da decisão. Com o tom pálido e enfermo da melancolia; desde que nos prendam tais cogitações, empresa de alto escopo a que alto planam. Desviam-se de rumo e cessam até mesmo de se chamar ação.”

Adão, que agora tinha que trabalhar, lamentava a perda da ociosidade criativa dos tempos de paraíso, quando podia dormir à hora que bem entendesse, e se deleitar com o dolce far niente dos italianos, quando era só comer, beber e amar.

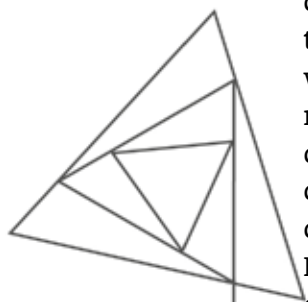
Pandora, que em grego significa “que tudo dá”, foi a primeira mulher criada a pedido de Zeus por Hefesto e Atena, sendo que cada um

lhe deu uma qualidade, recebeu de um a graça, de outro a persuasão, a inteligência, a meiguice das habilidades de dançar.

Foi enviada ao titã Epimeteu (que em grego quer dizer aquele que sabe o passado), seu irmão Prometeu (que em grego é aquele que sabe o futuro) recomendou mil vezes ao irmão que não aceitasse nenhum presente dos Deuses. Mas Epimeteu ficou encantado com a beleza descomunal de Pandora, suas formas perfeitas e harmônicas. O seu cheiro de mulher encantador, seu seio que entumecia ao menor toque, a voz meiga e suave, os lábios bem desenhados e o pezinho bem feito que o enfeitiçou, não resistiu, esqueceu as recomendações do irmão e casou-se com Pandora.

Epimeteu tinha em sua posse uma caixa, alguns dizem que na verdade era uma ânfora, que lhe fora dada pelos Deuses como presente de casamento e que ficou conhecida na mitologia como A Caixa de Pandora. Nesta caixa estavam todas as desgraças da vida humana: guerras, homicídios, traições, doenças, catástrofes, pandemias, tragédias, maldades, terremotos, violências,





desencantos do amor, sofrimentos de todas as espécies, suicídios. Pandora vivia numa tristeza doentia, uma melancolia cruel e infinda e imaginou que abrindo a caixa poderia se livrar da tristeza. Abriu a caixa e todas essas desgraças saíram e infestaram a vida. No fundo de caixa ficou apenas uma das desgraças a esperança. Ela tinha trinta e seis anos quando se matou. Prometeu consolou o irmão Epimeteu. Quem sabe ela não foi buscar na morte a alegria que não encontrou na vida.

NELSON
DOS SANTOS BLAYA



A REVOLTA DAS ESTÁTUAS

📖 153

Meu nome é

NELSON NEWLANDS CARNEIRO

nasci em Porto Alegre em 1947. Sou filho do Juiz de Direito Rui Gertum Carneiro e de Mariette Newlands Carneiro, ambos já falecidos. Formado em Jornalismo na PUCRS em 1973. Escrevi cinco livros: O Cego e a Sexóloga e Outras Histórias; Amor à Malagueta e Outras do Reino; Pra Rir de Mim; Histórias de Uma Cabeça Cega Cara de Pau; Sopros de Alegria.

XXVIII



A REVOLTA DAS ESTÁTUAS

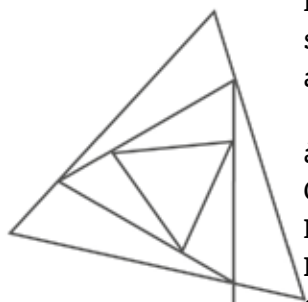
A gauchada anda preocupada com os seus monumentos. Muitos não se conformam com o destino da estátua do Laçador, que foi removida do seu local de origem, no Largo do Bombeiro, na Avenida dos Estados, para o sítio do Laçador em frente ao terminal do Aeroporto Internacional Salgado Filho, na mesma avenida. O motivo da transferência foi a construção, no local, do viaduto Leonel Brizola. Tem até guasca entendido em escultura que diz que essa estátua foi “cuspida e escarrada”, para indignação dos outros tauras por tal atrevimento. Porém, o guasca sabido

NELSON NEWLANDS
CARNEIRO

explica que as estátuas e bustos esculpidos no mármore italiano, chamado carrara, ficavam muito parecidos com as pessoas que serviam de modelo. Por isso, quando duas pessoas eram muito parecidas, dizia-se “esculpida em carrara”. Com o passar do tempo, a expressão se degenerou para “cuspida e escarrada”. Entretanto, pior do que uma obra artística cuspida e escarrada, no sentido literal, é a mutilação, o roubo e a falta de conservação dos nossos monumentos esculpidos em bronze.

Alguns chimangos e outros maragatos chegam a citar a frase do poeta Mário Quintana: “Um erro em bronze é um erro eterno”. Tudo por julgarem horríveis as estátuas do Fernandão, jogador de futebol do clube Internacional, e a do Renato, do Grêmio. Imaginem vocês se as estátuas se revoltassem! O Laçador diria que foi desapropriado para a construção de uma elevada que faz subir a poluição com os automóveis. “Afim, sou ou não sou o símbolo oficial do Rio Grande do Sul?” As estátuas do Fernandão e do Renato, cheias de orgulho e vaidade,





mandam largar do seu pé. “Olha que somos bons de chute e podemos acertar em vocês.”

Enquanto isso, no monumento à literatura, a estátua do Mário Quintana, sentada em um banco na Praça da Alfândega, ao lado da do Carlos Drummond, declamou: “Eles passarão, depredando e roubando os monumentos, eu, passarinho, farei titica na cabeça deles”. A estátua do Drummond, poeta mineiro, segurando um livro, recitou: “No meu caminho havia uma pedra, havia uma pedra em meu caminho. Vou pegar esta pedra e jogá-la nos ladrões e pichadores de monumentos.”

O comandante da revolta era a estátua de Bento Gonçalves, montado em seu alazão. “Desta vez não tem acordo de paz. Vamos lutar para vencer e fundar a República Gaúcha das Estátuas. Basta de monumentos sem braços, pernas ou cabeça, como aconteceu com os farrapos durante a luta. Chega de pagar tributo e da falta de cuidados com os monumentos, depredados, aos pedaços.” As estátuas do Fernandão e do Renato promovem um Gre-Nal com a renda destinada à causa dos monumentos. A estátua do

Mário Quintana anda pelas ruas de Porto Alegre, com a estátua do colega Drummond, criticando a má gestão da administração pública. O problema não se restringe apenas aos monumentos, as ruas da cidade estão esburacadas e há muita insegurança. Nesta hora surge a estátua do Laçador lamentando a situação e convocando o povo e as demais estátuas para cantar o Hino Rio-Grandense. O Laçador atua como maestro. Ergue as mãos na direção do céu, abanando com saudade para o folclorista Paixão Cortes e para o escultor Antônio Caringi.





ANOS DE DELEGACIA

159

NEWTON FABRÍCIO

Desembargador do TJRS,
autor do livro "Peleando contra
o Poder", participante das
coletâneas "104 que contam"
e "A descoberta da cidade".



ANOS DE DELEGACIA

- Eu não agüento mais o meu marido,
seu Delegado!

A conversa não podia iniciar melhor.

Morena, cabelo pela cintura, as ancas
largas – era tudo o que precisava
naquele fundão de mundo pra onde
tinham lhe mandado.

Chegara à cidadezinha dez dias antes
e, naturalmente, já percorrera a
zona: chinaredo escasso e de pouca
serventia foi a triste conclusão.
Precisava de uma mulher de mal

NEWTON FABRÍCIO

com o marido pra agüentar os anos que
passaria na Fronteira.
Por tudo isso, caprichou na resposta:

- O que o ordinário le fez, dona?

- Pois, seu Delegado, há anos que
eu aguento ele bebendo, vadiando e
chineando. Mas, agora, não aguento
mais. Ele já tinha me batido com tapa na
cara e eu agüentei. Mas, agora, não...

Anos de Delegacia já tinham lhe
ensinado que há momentos em que não
se deve perguntar nada. Um deles é
quando uma mulher se segura
pra não chorar.
Ficou quieto no más,
olhando a morena.
Nisso, ela desabou em um
pranto sem fim.
Quando o choro diminuiu, ela levantou
os olhos e disse:

- Desta vez, Delegado, ele me bateu com
o mango – e, então, lhe mostrou o talho
que aparecia por baixo da cabeleira
negra, bem junto à nuca.





- Mas que barbaridade... Le garanto, dona, que o ordinário nunca más vai le fazer isso de novo, respondeu, enquanto tentava examinar mais de perto a nuca da morena, inclinando-se ainda mais sobre a escrivaninha.

Sem perceber a intenção oculta do Delegado, ela se vira e pergunta, com olhos amplos de satisfação:

- O senhor me garante, Delegado?
- Garanto, dona – responde, voltando à sua cadeira, com um suspiro.
- O que o senhor precisa?

- Só me dê o nome do ordinário e onde eu encontro ele.
- O nome nem adianta. Todo mundo conhece ele por Mutreta. O senhor encontra ele na zona, nos botecos ali por perto ou fazendo contrabando, de madrugada.
- Deixa comigo, dona. Amanhã mesmo le dou notícia. Por falar nisso, adonde a senhora mora?
- É nessa mesma rua, lá em riba, quase no costado da farmácia São Jorge. O senhor vai lá me dar a notícia? – perguntou, surpresa com a atenção do Delegado.

- Claro, dona. Amanhã mesmo.

Chamou, então, com voz de autoridade o inspetor e disse:

- Osvaldão, pega o jipe e dá uma carona pra dona. Depois, dá uma campereada no tal de Mutreta que eu quero ter um particular com ele hoje de noite.

Bem mais tarde, lá pela uma da manhã, logo depois de tomar uma cerveja gelada, o Delegado foi deitar, satisfeito consigo mesmo. O dia foi perfeito: encontrou a mulher que precisava pra aguentar os anos que passaria naquela cidadezinha da Fronteira e, junto com o Osvaldão, deu uma sova de laço no Mutreta que ele nunca más ia chegar perto de casa. Agora era só esperar a manhã seguinte.

Tudo perfeito.

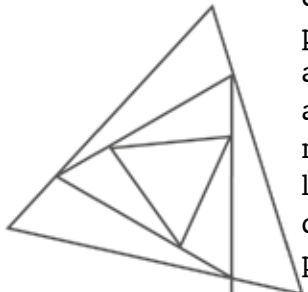
Quase pegando no sono, lembrou do Mutreta: fez o miserável engolir quase metade do Rio Uruguai.

Deu um sorriso, coçou o vasto bigode e dormiu.

Acordou cedo, tomou mate solito e às 8 já estava na Delegacia.

Pensou que não devia ir antes das 9 na casa





da dona. Então, sentou-se, remexeu os papéis, recostou-se na cadeira, colocou as botas em cima da mesa e passou a lembrar do que sentira quando ela redemoinhou a cabeleira negra, do outro lado da escrivaninha: embora a distância que os separava, deu pra ter uma idéia da profundidade do talho – e mais ainda do cheiro no cangote da morena –, pois se inclinou o quanto pode sobre ela. Tirou as botas da mesa e disse, pra si mesmo:

- Dentro de uma semana, tô sesteando com a tal morena.

Levantou-se, conferiu o relógio – oito e vinte.

Sentou-se de novo.

O tempo é custoso, quando tem mulher no caso, pensou o Delegado.

Por fim, os ponteiros do relógio chegaram às 9 horas.

Saiu para o pátio e teve, contrariado, de entrar no seu Gordini, pois o jipe da Delegacia ficou com o Osvaldão na noite passada.

- Adonde se enfiou aquele alcaide? –

resmungou o Delegado.

Ato contínuo, pensou:

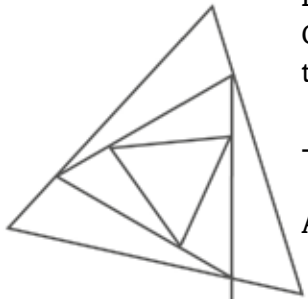
- Será que é desses abostados que ficam com peso na consciência depois de dar um “caldo” em contrabandista? Era só o que me faltava... Pra ser polícia tem que ser duro, tem que sustentar as cõsa que a gente faz – pensou.

O carro tossiu umas duas vezes, antes de pegar. Foi o que bastou para o Delegado esquecer o Osvaldão. Deu, então, duas aceleradas em ponto-morto e logo repontou o Gordini para a casa da morena.

Na altura da Farmácia São Jorge avistou o jipe da Delegacia. Nesse instante lembrou que o Osvaldão lhe contou, uns dois dias antes, que uma tia sua estava morre-não-morre. Era esse o motivo do atraso, então. Parou o Gordini, entrou na Farmácia e perguntou onde morava o Mutreta.

- É ali em seguida, a segunda casa, seu Delegado - respondeu o dono, um homem sério, de óculos.





Dirigiu-se à casa indicada e bateu na porta. Ouvia lá de dentro a voz da morena, em tom alegre, diferente do dia anterior:

- Já tô indo. Só um pouquinho.

Abriu a porta logo depois.

- Buenas.

- Buenas, seu Delegado.

- Vim le avisar, dona, que tá resolvida a questã. O tal Mutreta nunca más vai le incomodar.

- Le agradeço, seu Delegado. Mas não carece se preocupar comigo. O Osvaldão já me avisou ontem de noite mesmo.

Lá de dentro veio a voz forte de Osvaldão:

- Diz pro Delegado levá o jipe, que eu vô dá uma sesteada...

NEWTON FABRÍCIO



PAZ

NEY BITTENCOURT PEREIRA

físico e engenheiro. Participou do Caderno de Literatura nº 21, de 2012, e do Caderno de Literatura nº 26, de 2017.

 167



XXX 



PAZ

Utopia,
ficção,
devaneio,
fantasia?

Ou miragem,
ilusão,
sonho,
imaginação?

Talvez, esperança,
Alegoria,
suposição,
alheamento,

Quiçá, magia,
fábula,
mito,
arrebatamento.

Com certeza,
infinito desejo,
gigantesco labirinto...

169





PEDRA FUNDAMENTAL

171

NOELY LUIZ ORSATO

ingressou no 1º concurso público para a Secretaria Administrativa do Tribunal de Justiça do RS, em 23.9.1963. Prosseguiu na carreira até o último posto de Assessor Judiciário. Percorreu várias chefias e ultimou na então Diretoria de Magistrados e Outros Juízes, quando realizou concurso para ingresso na Magistratura RS, em 1976. Jurisdicionou as comarcas de Sobradinho, Lagoa Vermelha, Bagé, Novo Hamburgo e Porto Alegre, como substituto. Aposentou-se em 8.8.1988.



PEDRA FUNDAMENTAL

Naquele pampiano fronteiroço lugar, encontrava-me no recesso do lar, à noite, assistindo ao noticiário na TV, cevando o tradicional doce amargo, quando a estridente campanha tocou. Surpreso, pensei: “a esta hora, só urgência!”. Habeas corpus!? Abri a porta, reconheci a pessoa, solicitei-lhe que entrasse, sentasse e indaguei-lhe o que o trazia à minha casa, alheio ao horário normal de expediente.

Sem rodeios, disse-me ser assunto particular e narrou-me que o bispo de sua igreja tinha fugido para outro lugar,

levando dízimos e esmolas. Ademais, amancebrou-se com mulher do “próximo”, quando o “próximo” não estava próximo, e ambos inaugurariam nova casa, captando futuros adeptos e doações através de sonoras prédicas proferidas diante da emergente igreja.

Ciente do “particular”, instruí-o a registrar os fatos relativos ao líder na polícia, para tentar resgatar o numerário subtraído. Quanto à mulher do “próximo”, a este incumbiam as providências legais a tomar, enumerando-as.

De imediato, as soluções foram repelidas. Nada fariam contra o líder, pois ele prestaria contas à Justiça Divina, a qual tem Foro privilegiado. O “próximo”, por sua vez, estava feliz, leve e solto, grato ao Altíssimo por livrá-lo daquela Messalina.

Rechaçadas as primícias jurídicas, perguntei-lhe, então, o motivo de sua visita. Eu estava sentado numa grande poltrona, circunstância que me impediu de cair de costas, diante da dantesca resposta: “Quero que me ajude a fundar uma igreja!”.

Naquela hora, trêmulo espectador, vieram-me à mente panorâmicas cenas sobre a passagem do Messias pela Terra, há mais de dois mil anos, suas pregações,





perseguições e martírio. Senti calafrios. Atônito, não sei quanto tempo permaneci inerte, diante do inusitado, até reencontrar meu próprio eu. Mas falquejado pela escola da vida e calejado pelo exercício diuturno de dar a cada um o que é seu, recuperei-me, com a certeza de que não possuía coragem de suportar tal cálice.

Contornando o problema, sugeri ao visitante: “Uma vez que o pastor abandonou o redil, não seria melhor que cada ovelha desgarrada ingressasse numa das igrejas existentes e já estruturadas?” Recebi bíblica contestação: “Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, eu estarei ali no meio deles”.

Confessei ao crente que lia a Bíblia e conhecia a parábola. Mas, diante de tanta fé, não podia omitir-me, abandoná-lo, sem esperanças e fui didático. “Vocês já têm um local de encontros; reúnam-se e decidam tudo em assembleia; redigir um estatuto; eleger cargos diretivos; fixar valores dos dízimos; formas de prestação de contas; quem será titular do patrimônio e guardião das chaves; horários;

frequências; hábitos e fins; ritos; festas; modos de solucionar conflitos, etc.” Acrescentei: “É como fundar uma empresa sem fins lucrativos, e não esqueçam de registrar os estatutos, para obter isenções de tributos e angariar fundos”.

Satisfeito e instruído, o carente fiel despediu-se, e, conduzindo-o à porta, desejei-lhe sucesso. Voltei à minha poltrona a sorver o doce amargo, matutando: “Sei quem será o novo bispo e, se lembrado for em suas preces, entrarei para a história!”.





O CÁLICE VERMELHO

177

**REGINA MARIA
MEDEIROS FABRÍCIO**

Psicóloga Clínica em Porto Alegre
Curso de Formação de Psicólogos – PUCRS
Licenciatura em Psicologia – UFRGS
Pós-graduada em Psicoterapias Integradas –
Instituto Fernando Pessoa



O CÁLICE VERMELHO

In Memoriam
Paulo Fernando
Soares Leão

Repousa a flor perolada
na boca do cálice vermelho
ereto, delgado, imponente, em pé.
Só restou ele, nenhum mais...
testemunha resistente que
desafia o tempo provocando-o
à fragilidade
e ele, imperativo, afirma que
não se deixará quebrar, não é mero cristal.
Selou nosso amor para além da eternidade

nos corações entrelaçados, musicais,
no beijo apaixonado, imerso em poesia
nas promessas das certezas, nas iguarias;
das alegrias, inúmeras,
dos olhares confidentes,
profundos, promissores, completos...
Meu querido,
cúmplice parceiro,
te amo, desde sempre
minha alma é tua, meu amado
tão somente tua
fica aqui no meu abraço
meu amado
meu amado
meu amado

179

REGINA MARIA
MEDEIROS FABRÍCIO

Caderno de Literatura | 2021

XXXII





A SABEDORIA DO CORONÉ

181

RENAN APOLÔNIO

Advogado e escritor pernambucano. Apaixonado pelo Direito e pela literatura, escreve poemas e contos que retratam faces da sociedade e do Direito na cultura brasileira, além de escrever artigos de pesquisas sobre Direito e Literatura.



A SABEDORIA DO CORONÉ

- Ô seu dotô, venha cá.
- Diga, sinhô coroné. Bom dia.
- Olhe, eu acho que aquele tal do José Amaro não tem direito de trabalhar naquela loja não, e eu quero que você não deixe ele continuar lá.
- Mas como, sinhô, se ele é o dono do lugar?
- Mas é esse o problema, ele é dono sem o direito de ser.
- Mas a loja já é da família dele há muito tempo, inclusive o avô dele, que já foi prefeito, e o tio, que foi vereador, já trabalharam na loja também.

RENAN APOLÔNIO

– Mas eles não são mais nada disso, e já morreram. E hoje o prefeito é Manoel, que é meu amigo, e você, na qualidade de delegado desta cidade, vai atrapalhar os negócios dele hoje mesmo.

– Mas eu sempre pensei que ele fosse uma pessoa tão direita.

– Mas então pensou errado.

– Então eu vou ver o que eu posso fazer pra...

– Mas pra que você vai perder tempo vendo o que pode fazer, se eu já estou lhe dizendo o que é pra fazer?!

– Tá certo, sinhô coroné.

Eu vou lá agora mesmo ver os documentos dele, e...

– Mas que documento?!

Você não está ouvindo eu dizer que ele não tem direito, que não é certo ele trabalhar lá? De que adianta ver qualquer documento que seja? Mande um homem lá, ou vá você mesmo, e atrapalhe os negócios dele, revire tudo, mande fechar, faça o que mais quiser, mas não quero ele trabalhando mais ali. Quero ver ele bem aperreado.





– Então tá certo, coroné. Hoje mesmo eu resolvo isso.

– Certo. Ótimo. É por isso que acho que você é um bom delegado.

– Obrigado, coroné. Que passe bem o dia.

– Passar bem.

•

– Pronto, minha filha, nunca mais aquele Zezim de meia-tigela vai fazer mais nada que lhe desagrada, viu?

RENAN APOLÔNIO



CARTA PARA TERESA

(Para abrir no ano de 2070)

ROSANA BROGLIO GARBIN

Magistrada do TJRS

 185

XXXIV





CARTA PARA TERESA

(PARA ABRIR NO ANO DE 2070)

Porto Alegre/Brasil, 21 de março de 2021

Olá, Teresa,

soube do teu nascimento neste março de 2021, quando já estou com mais de meio século de existência. Ao leres esta carta, terás mais ou menos a idade que tenho hoje, quando te escrevo.

Gostei muito do teu nome. É o nome de minha avó, que acho lindo. Não é um nome comum nos dias de hoje, em

que Lauras, Júlias, Marianas soam mais modernos. Confesso que tenho dificuldade de imaginar uma criança sapeca, que brinca sem se preocupar com o amanhã, com esse nome. Mas espero que a tua infância seja repleta de pula-pulas, esconde-escondes e todas as brincadeiras que tornam a vida leve, fácil e divertida.

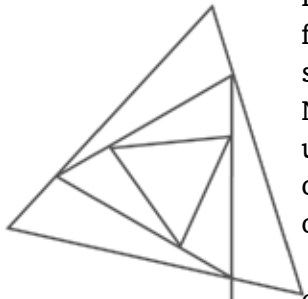
Possivelmente você nem se lembre deste difícil ano de 2021. A pandemia será apenas mais um fato que estará nos livros. Certo que este conturbado período entrará para a História. Começou no ano de 2020 com a notícia distante sobre uma ameaça invisível que pairava no ar. Não imaginamos que em poucos meses se tornaria tão próxima, impondo uma rápida adequação das nossas rotinas.

Sei que temos essa capacidade de adaptação. Às vezes nem percebemos como nos ajustamos às mudanças. Foi assim, por exemplo, com os discos de vinil, que passaram para CDs, e hoje acesso por uma plataforma na qual escolho qualquer música, de qualquer disco. Não tenho mais LPs, nem mesmo CDs, que ficaram com alguns saudosistas, resistentes.

Mas a mudança não foi assim, gradual, com tempo para nos adaptarmos.

187





Foi rápida, muito rápida. Fomos a uma festa, estávamos em viagem, e, no dia seguinte, já não podíamos sair de casa. Ninguém preparado, nem avisado. De uma hora para outra fomos jogados para o medo de um vírus desconhecido e para o afastamento dos afetos.

Faz um ano que isso tudo começou. Do surreal para uma quase normalidade. A esperança sempre espreitando: “Só mais um mês!”; “Com certeza na primavera!”; “Quando a vacina chegar!”; “Quando todos estiverem vacinados!”. No entanto, seguimos nesse chamado distanciamento social, quase isolamento.

Hoje faço minhas reuniões de forma virtual. Encontro, converso, troco ideia por uma tela de computador. Trabalho de casa. Sei do mundo pelas notícias dos aplicativos, e são tantas, mas tantas as informações que estão difíceis de processar.

Não pensei que teria um desafio tão grande nesta fase da vida, e eis que se apresenta.

Quando leres esta carta, espero que tenhas vivido uma vida plena. Certamente terás passado por diversas

situações, às vezes fáceis, às vezes tristes, às vezes pesadas. Mas saiba que a vida ainda pode te surpreender como fez comigo!


Os tempos estão difíceis. Sem abraços de comemoração ou de luto. Receio pelo que será o nosso futuro. Mas confio na imensa capacidade de resiliência de todos nós, a confirmar quão maravilhosa é a vida.

Cheia de surpresas, mas maravilhosa. Ou talvez maravilhosa porque é cheia de surpresas. E, quando achamos que já vimos tudo, lá vem ela com novidades e possibilidade de renovação.

Um carinhoso abraço,

ROSANA BROGLIO GARBIN





FACUNDO – ONDE HOVER AMOR

7 191

SABRINA LINDEMANN

é atriz e arte-educadora. Formada em Artes Cênicas pela UFRGS, especialista em Práxis de Criação de Texto pela UniRitter, graduanda em Letras pela Univates. Desde 2002 atua como gestora cultural. Assistente Administrativa do Memorial do Judiciário do RS. No Programa de Rádio Balaio da Dona Deusa, da Web Rádio Serigy, de Sergipe, apresenta o quadro "Partilha Cultural".



FACUNDO – ONDE HOVER AMOR

Dizem que quando nasceu, era noite de lua crescente: uma linha fina no céu. Desde o começo da tarde, a mãe em trabalho de parto à sombra dum pé de acácia. O rio que era só um fiapo.

Na hora de sair o menino, vagalumes clarearam o ventre. Nenhum grito ou choro se ouviu. Não foi surpresa pra cordilheira, que testemunhou aquele fato: em cada mão do menino, grudado, o acordeom.

Perfume de aroma bem forte, já se ouviu, naquele acorde, o som de

anunciação. A mãe já o suspeitava. A cada gargalhada, no ventre, puxava o fole. Risada num outro tom. Na hora de dormir, ninando a própria barriga, a mulher cantava baixinho essa história maluca.

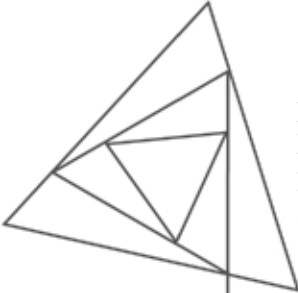
Pare pra ouvir esse som:

– O mundo já não sabe, meu filho, tá tão desacostumado. Confunde a tinta e o bordado, não sabe onde está o amor. Sempre ouvi no vilarejo: cada um com seu cada um. “Pato com pata”, “rosa com rosa”, “alecrim com alecrim”.

Mas naquele dia cantado, ninguém apostava um centavo: “São duas famílias distintas, duas espécies sem cruza e sem rima, tem como ter amor não”.

– Vai haver um som surdo no ouvido e tu, Facundo, meu filho – amor nenhum te passará despercebido –, vais tocar o acordeom. Trezentos dias depois de eu ter me apaixonado, serás parido, embolado, na trama de um dia bom. Não é que eu tenha contado, que não sou de fazer conta. É que o sapo que me faz companhia, coaxa, noite e dia, marca o tempo daquele encontro: teu pai e eu. E o chão.





Foi assim que brotou o menino,
que desde bem pequenino saiu mundo
afora, acorde! Viu lesma apaixonar por
passarinho; girafa por trombone, viu
lontra e microfone, abelha por jasmim.
Fole que fole, ele ia. Pé de pera e
cotovia. Nuvem e avião.

O olho foi apequenando, a roupa
se desfiando, mas o amor, meus amigos,
esse tantas vezes desencontrado, o
amor respirava pra sempre. Dentro
daquele acordeom.

SABRINA LINDEMANN



O CAUSO DA LAGARTEADA

📖 195

SABRINA NUNES DALBELO

Escritora, pós-graduada em Direito
e servidora do Ministério Público
Federal, reside em Bento Gonçalves-
RS. Colaboradora do blog As Contistas,
publicou os livros de poemas Baseado em
Pessoas Reais (Poesias Escolhidas, 2017),
Lente de aumento para coisas grandes
(Penalux, 2018) e Rasga-ossos (Penalux,
2020). Aluna da ESM/AJURIS, em 2002.

XXXVI





O CAUSO DA LAGARTEADA

24 de maio de 2021. 14h. Uma porto-alegrense e um bajeense catavam o sol para esquentar o pelo gelado. Já estavam com as mangas fedidas à bergamota quando se abancaram em dois tocos de pinheiro estrategicamente arrastados de debaixo da figueira para o meio do pátio. Hora do mate, sempre é. Cada um com o seu, porque é tempo de pandemia, mas que bah.

Proseavam sem embaraço e com pouca teoria se era mesmo tri pelear com bolinhas de cinamomo. Era mesmo salutar pra gurizada levar chumbo verde no lombo, com o corpo quente da corrida de bicicleta,

SABRINA NUNES
DALBELO

mesmo que depois se refrescasse com banho de mangueira? Um achava brincadeira de cuera, outro, de cuiudo. Mas em maio é triste, disseram juntos, com esse frio não dá. Balançaram a cabeça em negativa.

Trovavam na manha, entre um mate e outro. A porto-alegrense era de boa. O bajeense era baita parceria, mas xucro.

Chegavam a certo acordo e à quinta bergamota quando o tal Bruno apareceu da rua debaixo, tirou a máscara de pokemon e aboletou-se no terceiro toco. Ninguém pediu, mas ele saiu mostrando a funda que tinha ganhado do padraço, feita da melhor forquilha, segundo ele, a arma para bolinha de cinamomo perfeita. Comprei na loja, cara. Nem olhou para a porto-alegrense.

A porto-alegrense comia os gomos de inteiros, disse nada, olhou de canto pro bajeense e serviu mais um chimarrão.

O bajeense bateu as esporas com alardeio, deu pra ver o brilho da estrela da bota esquerda, e cuspiu três sementes de bergamota meio de lado, no azedume. O cusquinho magrelo enredado na macega chegou que deu um prisco.

Bruno disse algo sobre ter acabado a água do mate doce e desceu a lombá. Isso era antes das 14h15.





TRÊS QUARTOS

📖 199

SANDRA GODINHO nascida a 27/7/1960 em São Paulo, é graduada e mestra em Letras. Já participou de várias coletâneas de contos, sendo agraciada com alguns prêmios. Publicou O Poder da Fé (2016); Olho a Olho com a Medusa (2017); Orelha Lavada, Infância Roubada (2018), agraciado com Menção Honrosa no 60º Prêmio Literário Casa de Las Américas (2019); O Verso do Reverso (2019), Prêmio Cidade de Manaus 2019 de Melhor Livro de Contos; Terra da Promissão (2019); As Três Faces da Sombra (2020); e Tocaia do Norte (2020), Prêmio Cidade de Manaus de Melhor Romance Nacional (2020).



TRÊS QUARTOS

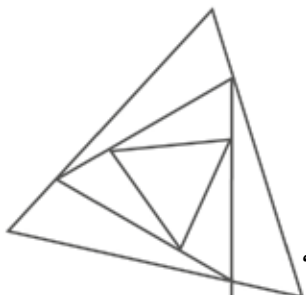
'O primeiro me chegou
como quem vem do florista',
mãos de afeto, pianista,
de sons inconfessáveis,
devassando meus pudores
com afago fingido
em roda de amigos.
E a carícia carente,
roubada no meio da noite,
foi apenas açoite
mal desabrochado,
no gozo frio,
adormecido no leito.

SANDRA GODINHO

'O segundo me chegou
como quem chega do bar',
boca de destemor,
poesias embaladas em vinho,
marinadas com o torpor
do mundo, em desalinho,
engolindo sua fome
de possessão com saliva,
com seiva me alimentando
de desejo até o primeiro tapa.
Depois do tapa, o soco.
Depois do soco, o pontapé
calcado de ferida.

Caderno de Literatura | 2021 XXXVII





'O terceiro me chegou
como quem chega do nada'
atingiu minha solidão
com uma pontada
de calar cinzas.
Como sombra acautelada,
surgiu assombroso feito rocha,
E nela erigi catedral,
um lar cujas paredes
me sustentam com amor,
que ancora o tempo,
que suspende a letargia dos dias.
Só não a morte.
E seu corpo, engasgado,

engolido pelo mar.
Só restou a saudade
e seu cheiro almiscarado
no quarto, nas roupas vazias,
em suspensão nos cabides.
E os pecados inconfessos
que velaram meu sono,
que baixaram minha febre,
buscam a ressurreição
E minhas frestas
fundem-se às janelas,
E minhas frinchas
fundem-se às dobradiças.
E vago errante,
com o ventre avolumado,
como um farol
a me transformar.





O RABO DO BUGRE

WILSON CARLOS RODYCZ
Desembargador aposentado do TJRS

7 205

XXXVIII 



O RABO DO BUGRE

Quando o recém-formado Dr. Króll chegou na cidadezinha para clinicar, estava deveras eufórico. Metade da população era descendente de galicianos, assim como ele próprio, mas alguns eram anciãos ainda da segunda geração, com hábitos – e histórias.

Instalado no Centro, cabia-lhe atender também os Postos de Saúde nas Colônias. Certa feita, num desses Postos, encontrou um pequeno aglomerado de pacientes, de todos os tipos e idades, velhos, mulheres com crianças. Já ia alta a manhã quando entrou o último. Nome? Stácio. Jak sięczujesz? Como te sentes, Pan Stácio? Dói-me aqui ... mais aqui... contou

todos os seus males.

Também gostava de prostrar.

Sabia de tudo.

Quem foi o Dr. Bucewicz, Pan Stácio? Esse da placa, o senhor sabe?

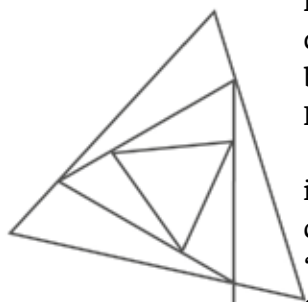
Ah! Senhor doutor! O Dr.

Bucewicz foi nosso primeiro lekarz, no tempo dos imigrantes. Sabia curar tudo que era doença. Asma, reumatismo... Só não curava mordida de cobra e doenças brasileiras, né, ele era formado lá nas Europa. Vou lhe contar o que sucedeu pra ele mesmo, Pan Doutor.

Duma feita, meu pai e os vizinhos levaram o Doutor numa pescaria. De pousada. Deu boa, muitos peixes! De manhã, antes do almoço, o pan Lekarz voltou da barranca do rio com a boca inchada, a língua grossa, travada, e um grosseirão pelos braços e mãos, se coçando que nem doido... Os outros riram. “Pan Doutor esqueceu de cumprimentar o Bugre! Tem que dizer dzień dobry, seu Bugre! Bom dia, seu Bugre! Se não o pau pega.”

Contrariado, quando chegou em casa, o facultativo fez uso de pomadas para alergias, tomou o chá que os patrícios indicaram, mas nada de sarar.





Na segunda-feira, a faxineira deu o diagnóstico e também a profilaxia: “É bugreiro, doutor! O senhor tem que ir na Nhá Siquera, pra benzer...”

Não foi. Mas, no outro dia, incomodado com o ataque já nos olhos, concordou. Nhá Siquera logo foi dizendo: “Isso não é doença de médico, é de curadera”, preparou um chá de casca de aroeira, o fez sentar numa cadeira no meio do terreiro, se concentrou numa oração: “Divino Espírito Santo...”. Três vezes o arrodeou. Depois ordenou: “Agora vancê dá três voltas em redor da casa, e cada vez que passar aqui, quando eu perguntar, responde ‘o rabo do bugre!’”. E assim se fez. O Doutor corria em redor da casa e, quando passava na frente da Nhá Siquera, ela perguntava: “O que eu corto?” Ele respondia: “O rabo do bugre!”, passava e ela desferia um golpe de machado nos rastros do Doutor... Três vezes ele correu, três vezes ela perguntou, três vezes ele respondeu, três vezes ela cortou: “Assim mesmo eu corto! Corto a cabeça! Corto o meio! Corto o rabo do bugre!”

O Stácio concluiu: “Era o único jeito de curar o bugreiro do pan lekarz...”.

WILSON RODYCZ



A ALEGRIA SE ESCONDEU NA SOLIDÃO DA ALMA

7 209

ZELI SCHEIBEL escritora gaúcha romancista. Líder Coach pela CCE – Internacional Coach Federation. Storytelling, pela McSill Story Studio. Pós-graduada em Psicologia Transpessoal – Alubrat/RS. Graduada em Relações Públicas pela Universidade FEEVALE/RS e Acadêmica Fundadora – ABARS. Com vários romances publicados, entre eles As Rosas do Sobrado Azul.

XXXIX





A ALEGRIA SE ESCONDEU NA SOLIDÃO DA ALMA

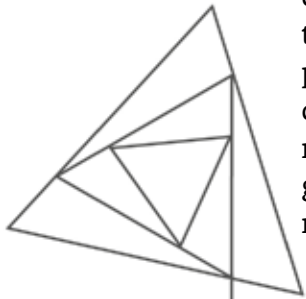
No inverno de 2021, o ônibus deu partida para a Serra Gaúcha, debaixo de uma chuva torrencial. Uma mulher de estatura mediana, cabelos brancos, ligeiramente ondulados até os ombros, sentou-se ao lado de um jovem elegante, de terno e gravata, que pela forma como apertava a mochila no colo parecia preocupado.

A mulher admirou o jovem que olhava a paisagem lá fora através da janela.

- Primeiro emprego?
- Sim, em uma clínica de psiquiatria.
- Pensei que era um vendedor.

- Já fui, no tempo de faculdade, para ajudar nos estudos.
- O que você vendia?
- Livros.
- Acredito ser bem mais fácil do que ser psiquiatra.
- Talvez – respondeu o jovem.
- Cuidar da mente é uma tarefa comprometedora. – Sorriu para o jovem.
- Considero de responsabilidade – disse ele, e levantou as sobrancelhas.
- Por isso o ar de preocupação? – perguntou a mulher.
- Ele voltou o olhar a paisagem.
- Alegria ou solidão, qual dos dois sentimentos você considera mais preocupante?
- Depende – respondeu ele.
- No meu caso é a solidão – ela falou com os olhos marejados.
- Ele voltou-se outra vez para janela como se buscasse respostas.
- Penso que, como médico, você precisa encontrar uma maneira possível de aliviar a dor causada pelo isolamento, sem as teorias de frases feitas que rolam nas redes sociais.
- Qual? – instigou o rapaz.
- A solidão, ela existe, é fato. Um





dia todos seremos acometidos por este terrível sentimento de ausência. Nos dias pandêmicos ela tornou-se companheira das pessoas, por isso sinto-me entre dois mundos; um em que já não interajo como gostaria, e outro em que ainda não me encontrei.

– Entendo.

– O fluxo da vida, meu jovem, os sentimentos de monotonia invadiram os corações das pessoas e a sensação de vazio é amedrontadora, como se a humanidade interrompesse um ciclo para encontrar outro totalmente ignorado e desconhecido pela maioria. Tudo o que a distraía já não tem mais valor ou desapareceu. Passou-se a viver em dois ciclos simultaneamente, à espera de algo que atenda às necessidades físicas e emocionais, quando, na verdade, o que cada pessoa precisa para viver bem está dentro e não fora de cada ser. Entretanto, sem respostas para as dúvidas inquietantes, caímos no silêncio dentro de um túnel escuro, sem luz para direcionar a saída, e as velhas perguntas de todos os tempos passam a martelar a cabeça. Quem sou? Para onde vou?

– Penso que tenho um longo caminho de aprendizado – respondeu o

jovem com olhar de interesse ao que a mulher dizia.

– Os valores se invertem como num carrossel de dúvidas e incertezas. Refletir sobre qual caminho seguir para se autodescobrir já não é mais a trivial pergunta, pois já não temos opção. A flecha aponta para o único caminho ainda inexplorado, o eu interior, lá, sim, podemos encontrar respostas para as tantas dúvidas. Caso contrário, nossa mente surta, um apagão deliberado pela psique dá um basta interrompendo a ligação com o mundo exterior, como um puxão de orelha, para que possamos aprender a viver com equilíbrio.

– A mente humana é a fonte de novos estudos – respondeu o jovem.

– Isso é muito bom – disse a mulher. – Veja o meu caso: o vagão dobrou a esquina, se perdeu ao longe, já não lembro da alegria da juventude. Não dá para voltar ao ponto de partida; mas com o que dizes renovo minha esperança em dias melhores.

A mulher sorriu e silenciou. O jovem voltou-se para a janela a contemplar a paisagem.





CADERNO
DE LITERATURA

30
a
EDIÇÃO

MAJURIS

Este livro foi impresso
nas fontes Oranda, Gisha e Zapf
Elliptical 711, e impresso no papel
Polen 80g/m² e Cartão 300g/m²
na Gráfica Palotti.

ISBN: 978-65-992702-1-5

